

**GRAMÁTICA E
INTERPRETAÇÃO DE
TEXTOS**

PROFESSORA: DAYHANE ESCOBAR

Sumário

PARTE TEÓRICA 1

Capítulo 1 Explicações preliminares: leitura e compreensão de textos. 3

Capítulo 2 Diferentes gêneros e domínios discursivos 6

Capítulo 3 Unidade e diversidade da língua portuguesa 16

Capítulo 4 Funções da Linguagem 21

Capítulo 5 Pontuação gramatical e expressiva 22

Capítulo 6 Mecanismos de Coesão 23

Capítulo 7 Significação das palavras: sinônimos; antônimos; etc. 34

Capítulo 8 Denotação e Conotação 37

Capítulo 9 Ortografia, ortoepia e prosódia. 41

Capítulo 10 A prática 47

BIBLIOGRAFIA 51

CAPÍTULO 1 **EXPLICAÇÕES PRELIMINARES**

I) Para interpretar bem

Todos têm dificuldades com interpretação de textos. Encare isso como algo normal, inevitável. Importante é enfrentar o problema e, com segurança, progredir. Aliás, progredir muito. Leia com atenção os itens abaixo.

1) Desenvolva o gosto pela leitura. Leia de tudo: jornais, revistas, livros, textos publicitários, listas telefônicas, bulas de remédios etc. Enfim, tudo o que estiver ao seu alcance. Mas leia com atenção, tentando, pacientemente, apreender o sentido. O mal é “ler por ler”, para se livrar.

2) Aumente o seu vocabulário. Os dicionários são amigos que precisamos consultar. Faça exercícios de sinônimos e antônimos. (Consulte o nosso Redação para Concursos, que tem uma seção dedicada a isso.)

3) Não se deixe levar pela primeira impressão. Há textos que metem medo. Na realidade, eles nos oferecem um mundo de informações que nos fornecerão grande prazer interior. Abra sua mente e seu coração para o que o texto lhe transmite, na qualidade de um amigo silencioso.

4) Ao fazer uma prova qualquer, leia o texto duas ou três vezes, atentamente, antes de tentar responder a qualquer pergunta. Primeiro, é preciso captar sua mensagem, entendê-lo como um todo, e isso não pode ser alcançado com uma simples leitura. Dessa forma, leia-o algumas vezes. A cada leitura, novas idéias serão assimiladas. Tenha a paciência necessária para agir assim. Só depois tente resolver as questões propostas.

5) As questões de interpretação podem ser localizadas (por exemplo, voltadas só para um determinado trecho) ou referir-se ao conjunto, às idéias gerais do texto. No primeiro caso, leia não apenas o trecho (às vezes uma linha) referido, mas todo o parágrafo em que ele se situa. Lembre-se: quanto mais você ler, mais entenderá o texto. Tudo é uma questão de costume, e você vai acostumar-se a agir dessa forma. Então - acredite nisso - alcançará seu objetivo.

6) Há questões que pedem conhecimento fora do texto. Por exemplo, ele pode aludir a uma determinada personalidade da história ou da atualidade, e ser cobrado do aluno ou candidato o nome dessa pessoa ou algo que ela tenha feito. Por isso, é importante desenvolver o hábito da leitura, como já foi dito. Procure estar atualizado, lendo jornais e revistas especializadas.

II) Paráfrase

Chama-se paráfrase a reescritura de um texto sem alteração de sentido. Questões de interpretação com freqüência se baseiam nesse conhecimento, nessa técnica. Vários recursos podem ser utilizados para parafrasear um texto.

1) Emprego de sinônimos.

Ex.: *Embora voltasse cedo, deixava os pais preocupados.*
Conquanto retornasse cedo, deixava os genitores preocupados.

2) Emprego de antônimos, com apoio de uma palavra negativa.

Ex.: *Ele era fraco.*
Ele não era forte.

3) Utilização de termos anafóricos, isto é, que remetem a outros já citados no texto.

Ex.: *Paulo e Antônio já saíram. Paulo foi ao colégio; Antônio, ao cinema.*

Paulo e Antônio já saíram. Aquele foi ao colégio; este, ao cinema.

Aquele = Paulo
este = Antônio

4) Troca de termo verbal por nominal, e vice-versa.

Ex.: *É necessário que todos colaborem.*
É necessária a colaboração de todos.
Quero o respeito do grupo.
Quero que o grupo me respeite.

5) Omissão de termos facilmente subentendidos.

Ex.: *Nós desejávamos uma missão mais delicada, mais importante.*
Desejávamos missão mais delicada e importante.

6) Mudança de ordem dos termos no período.

Ex.: *Lendo o jornal, cheguei à conclusão de que tudo aquilo seria esquecido após três ou quatro meses de investigação.*
Cheguei à conclusão, lendo o jornal, de que tudo aquilo, após três ou quatro meses de pesquisa, seria esquecido.

7) Mudança de voz verbal

Ex.: *A mulher plantou uma roseira em seu jardim. (voz ativa)*
Uma roseira foi plantada pela mulher em seu jardim. (voz passiva analítica)

Obs.: Se o sujeito for indeterminado (verbo na 3ª pessoa do plural sem o sujeito expresso na frase), haverá duas mudanças possíveis.

Ex.: *Plantaram uma roseira. (voz ativa)*
Uma roseira foi plantada. (voz passiva analítica)
Plantou-se uma roseira. (voz passiva sintética)

8) Troca de discurso

Ex.: *Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo: - Cortarei a grama sozinho. (discurso direto)*
Naquela tarde, Pedro dirigiu-se ao pai dizendo que cortaria a grama sozinho. (discurso indireto)

9) Troca de palavras por expressões perifrásticas (vide perífrase, no capítulo seguinte) e vice-versa

Ex.: *Castro Alves visitou Paris naquele ano.*
O poeta dos escravos visitou a cidade luz naquele ano.

10) Troca de locuções por palavras e vice-versa:

Ex.: *O homem da cidade não conhece a linguagem do céu.*
O homem urbano não conhece a linguagem celeste.

Da cidade e do céu são locuções adjetivas e correspondem aos adjetivos **urbano** e **celeste**. É importante conhecer um bom número de locuções adjetivas. Consulte o assunto em nosso livro Redação para Concursos.

Numa paráfrase, vários desses recursos podem ser utilizados concomitantemente, além de outros que não foram aqui referidos, mas que a prática nos apresenta. O importante é

ler com extrema atenção o trecho e suas possíveis paráfrases. Se perceber mudança de sentido, a reescritura não pode ser considerada uma paráfrase. Há muitas questões de provas baseadas nisso.

Vamos então fazer um exercício. Leia com atenção o trecho abaixo e anote a alternativa em que não ocorre uma paráfrase.

O homem caminha pela vida muitas vezes desnortado, por não reconhecer no seu íntimo a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.

- a) Frequentemente sem rumo, segue o homem pela vida, por não reconhecer no seu íntimo o valor de todos os instantes, de todas as coisas, sejam simples ou grandiosas.
- b) Não reconhecendo em seu âmago a importância de todos os momentos, de todas as coisas, simples ou grandiosas, o homem caminha pela vida muitas vezes desnortado.
- c) Como não reconhece no seu íntimo o valor de todos os momentos, de todas as coisas, sejam elas simples ou não, o homem vai pela vida frequentemente desnortado.
- d) O ser humano segue, com frequência, vida afora, sem rumo, porquanto não reconhece, em seu interior, a importância de todos os instantes, de todas as coisas, simples ou grandiosas.
- e) O homem caminha pela vida sempre desnortado, por não reconhecer, em seu mundo íntimo, o valor de cada momento, de cada coisa, seja ela simples ou grandiosa.

O trecho foi reescrito cinco vezes. Utilizaram-se vários recursos. Em quatro opções, o sentido é rigorosamente o mesmo. Tal fato não se dá, porém, na letra e, que seria o gabarito. O texto original diz que “o homem caminha pela vida muitas vezes desnortado...”, contudo a reescritura nos diz “sempre desnortado”. Ora, **muitas** vezes é uma coisa, sempre é outra, bem diferente.

Observações

- a) Tenha cuidado com a mudança de posição dos termos dentro da frase. Palavras ou expressões podem alterar profundamente o sentido de um texto.

Ex.: *Encontrei determinadas pessoas naquela cidade.*
Encontrei pessoas determinadas naquela cidade.

Na primeira frase, **determinadas** é um pronome indefinido, equivalente a certas, umas, algumas; na segunda, é um adjetivo e significa decididas.

- b) Cuidado também com a pontuação, que costuma passar despercebida.

Ex.: *A criança agitada corria pelo quintal.*
A criança, agitada, corria pelo quintal.

Na primeira frase, o adjetivo **agitada** indica uma característica da criança, algo inerente a ela, isto é, trata-se de uma pessoa sempre agitada. Na segunda, as vírgulas indicam que a criança está agitada naquele momento, sem que necessariamente ela o seja no seu dia-a-dia.

CAPÍTULO 2

DIFERENTES GÊNEROS E DOMÍNIOS DISCURSIVOS

Veremos neste capítulo apenas o essencial da tipologia, aquilo que, de uma forma ou de outra, costuma ser cobrado em questões de interpretação ou compreensão de textos. São, portanto, noções que podem ajudá-lo a acertar determinados tipos de testes.

I) Descrição

Um texto se diz descritivo quando tem por base o objeto, a coisa, a pessoa. Mostra detalhes, que podem ser físicos, morais, emocionais, espirituais. Nota-se que a intenção é realmente descrever, daí a palavra descrição. Veja o exemplo abaixo:

“Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.” (José de Alencar, Iracema)

Uma característica marcante da descrição é a forte adjetivação que leva o leitor a visualizar o ser descrito. No trecho em estudo, o homem visto por Iracema é branco, tem olhos tristes (veja que bela hipálage criou o autor: azul triste em vez de olhos tristes); as águas são profundas, e os tecidos e armas, ignotos, ou seja, desconhecidos. Observe como a palavra todo revela a perplexidade do guerreiro, extático a observar a jovem índia à sua frente.

Veja, agora, outro exemplo de trecho descritivo, na realidade uma autodescrição.

“Meus cabelos eram muito bonitos, dum negro quente, acastanhado nos reflexos. Caíam pelos meus ombros em cachos gordos, com ritmos pesados de molas de espiral.” (Mário de Andrade, Tempo da Camisolinha)

II) Narração

Quando o texto está centrado no fato, no acontecimento, diz-se que se trata de uma narração. Palavra derivada do verbo **narrar**, narração é o ato de contar alguma coisa. Novelas, romances, contos são textos basicamente narrativos. São os seguintes os elementos de uma narração:

1) Narrador

É aquele que narra, conta o que se passa supostamente aos seus olhos. Quando participa da história, é chamado de narrador-personagem. Então a narrativa fica, normalmente, em 1ª pessoa.

2) Personagens

São os elementos, usualmente pessoas, que participam da história. Mas os personagens podem ser coisas ou animais, como no romance O Trigo e o Joio, de Fernando Namora, em que o personagem principal, isto é, protagonista, é uma burra.

3) Enredo

É a história propriamente dita, a trama desenvolvida em torno dos personagens.

4) Tempo

O momento em que a história se passa. Pode ser presente, passado ou futuro.

5) Ambiente

O lugar em que a trama se desenvolve. Pode, naturalmente, variar muito, no desenrolar da narrativa. Eis, a seguir, um bom exemplo de texto narrativo, em que todos os elementos se fazem presentes.

“Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no seu pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda.” (Érico Veríssimo, O Tempo e o Vento)

O trecho do grande romance de Érico Veríssimo está situado no tempo (81), faz menção a lugares onde a trama se desenvolve e apresenta personagens, como Ana Terra e Seu Maneco. E, é claro, alguém está contando: é o narrador da história.

Veja mais um exemplo de narração, agora com o narrador e personagem.

“Hoje estive na loja de Seu Chamun, uma tristeza. Poeira e cisco por toda parte, qualquer dia vira monturo. Os dois empregados do meu tempo foram embora, não sei se dispensados, e o dono não tem disposição para limpar.” (José J. Veiga, Sombras de Reis Barbudos)

III) Discurso

Os personagens que participam da história evidentemente falam. É o que se conhece como discurso, que pode ser:

1) Direto

O narrador apresenta a fala do personagem, integral, palavra por palavra. Geralmente se usam dois pontos e travessão.

Ex.: *O funcionário disse ao patrão:*
- *Espero voltar no final do expediente.*

Rui perguntou ao amigo:
- *Posso chegar mais tarde?*

2) Indireto

O narrador incorpora à sua fala a fala do personagem. O sentido é o mesmo do discurso direto, porém é utilizada uma conjunção integrante (**que** ou **se**) para fazer a ligação.

Ex.: *O funcionário disse ao patrão que esperava voltar no final do expediente.*
Rui perguntou ao amigo se poderia chegar mais tarde.

Obs.: O conhecimento desse assunto é muito importante para as questões que envolvem as paráfrases. Cuidado, pois, com o sentido. Procure ver se está sendo respeitada a correlação entre os tempos verbais e entre determinados pronomes. Abaixo, outro exemplo, bem elucidativo.

Minha colega me afirmou:
- *Estarei aqui, se você precisar de mim.*

Minha colega me afirmou que estaria lá se eu precisasse dela.

O sentido é, rigorosamente, o mesmo. Foi necessário fazer inúmeras adaptações.

3) Indireto livre

É praticamente uma fusão dos dois anteriores. Percebe-se a fala do personagem, porém sem os recursos do discurso direto (dois pontos e travessão) nem do discurso indireto (conjunções **que** ou **se**).

Ex.: Ele caminhava preocupado pela avenida deserta. Será que vai chover, logo hoje, com todos esses compromissos!?

IV) Dissertação

Um texto é dissertativo quando tem como centro a idéia. É, pois, argumentativo, opinativo. Geralmente é o que se cobra em concursos públicos, tanto em interpretação de textos quanto na elaboração de redações. Divide-se em:

1) Introdução

Período de pouca extensão em que se apresenta uma idéia, uma afirmação que será desenvolvida nos parágrafos seguintes. É nele que se localiza o chamado tópico frasal, aquele período-chave em que se baseia todo o texto.

2) Desenvolvimento

Um ou mais parágrafos de extensão variada, de acordo com a necessidade da composição. É nele que se argumenta, discute, opina, rebate. É o corpo da redação.

3) Conclusão

Parágrafo curto com que se encerra a descrição. É também chamado de fecho. Há várias modalidades de conclusão: resumo da redação, citação de alguém famoso, opinião final contundente etc. Veja exemplo de trechos dissertativos.

“De muitas maneiras, o emprego de alto funcionário público é um sacerdócio, porém pior, pois é exercido sob os olhares atentos da imprensa. O cidadão comum, tornado autoridade, transforma-se, do dia para a noite, numa espécie de âncora de noticiário. Não deve gaguejar, improvisar nem correr riscos em temas polêmicos.” (Gustavo Franco, na Veja 1782)

“Entende-se por juízo um pensamento por meio do qual se afirma ou nega alguma coisa, se enuncia algo; serve para estabelecer relação entre duas idéias. Emitir um juízo é o mesmo que julgar. A inteligência opera por meio de juízos; raciocinar consiste em encadear juízos para tirar uma conclusão.” (Carlos Toledo Rizzini, Evolução para o Terceiro Milênio)

“Insistamos sobre esta verdade: a guerra de Canudos foi um refluxo em nossa história. Tivemos, inopinadamente, ressurreta e em armas em nossa frente, uma sociedade velha, uma sociedade morta, galvanizada por um doido.” (Euclides da Cunha, Os Sertões)

Observações

a) Um texto, às vezes, apresenta tipologia mista. Uma narração, por exemplo, pode conter traços dissertativos ou descritivos. Aliás, isso é freqüente. Não há rigor absoluto.

b) Se destacamos apenas um trecho de uma determinada obra, compreensivelmente todos os elementos que caracterizam sua tipologia podem não estar presentes. Por exemplo, os três trechos dissertativos apresentados, sendo parágrafos isolados, não contêm introdução, desenvolvimento e conclusão, o que não impede que os classifiquemos daquela forma.

c) O tema costuma sugerir uma determinada tipologia, mas também aqui não há nada de absoluto. Digamos que se queira escrever sobre um passeio. A princípio, pensa-se numa narração. Porém, o autor pode prender-se a detalhes do lugar, das pessoas, do transporte utilizado etc. Teríamos então uma descrição. Por outro lado, ele pode falar da importância do lazer na vida das pessoas, para a sua saúde física ou mental etc. Dessa forma, desenvolvendo idéias, cairíamos em uma dissertação.

V) Carta argumentativa

(Texto Argumentativo /Persuasivo)

Características do texto argumentativo/persuasivo

Além de uma dissertação, a prova de Redação do Vestibular Unicamp propõe também uma carta argumentativa. O que diferencia a proposta da carta argumentativa da proposta de dissertação é o tipo de argumentação que caracteriza cada um desses tipos de texto. O texto dissertativo é dirigido a um interlocutor genérico, universal. Por outro lado, a proposta de carta argumentativa pressupõe um interlocutor específico para quem a argumentação deverá estar orientada. Essa diferença de interlocutores deve necessariamente levar a uma organização argumentativa diferente, nos dois casos. Até porque, na carta argumentativa, a intenção é freqüentemente a de persuadir um interlocutor específico (convencê-lo do ponto de vista defendido por quem escreve a carta ou demovê-lo do ponto de vista por ele defendido e que o autor da carta considera equivocado).

É importante justificar por que se solicita que a argumentação seja feita em forma de carta. Acredite, essa é uma opção estratégica feita em seu próprio benefício. O pressuposto é o de que, se é definido previamente quem é seu interlocutor sobre um determinado assunto, você tem melhores condições de fundamentar sua argumentação.

Vamos tentar exemplificar, mais ou menos concretamente, algumas situações argumentativas diferentes, para que fique claro que tipo de fundamento está por trás desta proposta da Unicamp. Imagine-se um defensor ardoroso da legalização do aborto. Perceba que sua estratégia argumentativa seria necessariamente diferente se fosse solicitado a :

- escrever uma dissertação sobre o assunto, portanto, escrever para o nosso "leitor universal";
- escrever ao Papa, para demonstrar a necessidade de a Igreja Católica, em alguns casos, rever sua postura frente ao aborto;
- escrever a um congressista procurando persuadi-lo a apresentar um anteprojeto para a legalização do aborto no Brasil;
- escrever ao Roberto Carlos procurando persuadi-lo a incluir, em seu LP de final de ano, uma música em favor da descriminação do aborto.

Você não concorda conosco? Não fica mais fácil decidir que argumentos utilizar conhecendo o interlocutor? É por isso que é tão importante que você, durante a elaboração do seu projeto de texto, procure representar da melhor maneira possível o seu interlocutor, uma vez conhecido.

Embora o foco desta proposta seja um determinado tipo de argumentação, o fato de que o contexto criado para este exercício é o de uma carta implica também algumas expectativas quanto à forma do seu texto. Por exemplo, é necessário estabelecer e manter a interlocução, usar uma linguagem compatível com o interlocutor (por exemplo, não se dirigir ao Papa com um jovial *E aí, Santidade, tudo em cima?*, muito menos despedir-se de tão beatífica figura com *Pô, cara, tu é do mal!*). Mas que fique bem claro: no cumprimento da proposta em que é exigida uma carta argumentativa, não basta dar ao texto a organização de uma carta, mesmo que a interlocução seja natural e coerentemente mantida; é necessário *argumentar*.

Algumas universidades, como a UEL e a Unicamp, têm cobrado nos exames vestibulares esta modalidade de texto: a carta argumentativa.

Ao contrário do que pensam muitos vestibulandos, não há segredo algum na elaboração da carta. Aliás, ela é, segundo alguns, bem mais simples que a dissertação tradicional, haja vista que é um tipo de texto bem próximo à realidade dos alunos, dos quais a maioria certamente já escreveu uma carta a alguém.

Vejamos, então, as principais características da carta cobrada pelos vestibulares:

a) **Estrutura dissertativa:** costuma-se enquadrar a carta na tipologia dissertativa, uma vez que, como a dissertação tradicional, apresenta a tríade introdução / desenvolvimento / conclusão. Logo, no primeiro parágrafo, você apresentará ao leitor o ponto de vista a ser defendido; nos dois ou três subseqüentes (considerando-se uma carta de 20 a 30 linhas), encadear-se-ão os argumentos que o sustentarão; e, no último, reforçar-se-á a tese (ponto de vista) e/ou apresentar-se-á uma ou mais propostas. Os modelos de introdução, desenvolvimento e conclusão são similares aos que você já aprendeu (e você continua tendo a liberdade de inovar e cultivar o seu próprio estilo!);

b) **Argumentação:** como a carta não deixa de ser uma espécie de dissertação argumentativa, você deverá selecionar com bastante cuidado e capricho os argumentos que sustentarão a sua tese. É importante convencer o leitor de algo.

Apesar das semelhanças com a dissertação, que você já conhece, é claro que há diferenças importantes entre esses dois tipos de redação. Vamos ver as mais importantes:

a) **Cabeçalho:** na primeira linha da carta, na margem do parágrafo, aparecem o nome da cidade e a data na qual se escreve. Exemplo: Londrina, 15 de março de 2003.

b) **Vocativo inicial:** na linha de baixo, também na margem do parágrafo, há o termo por meio do qual você se dirige ao leitor (geralmente marcado por vírgula). A escolha desse vocativo dependerá muito do leitor e da relação social com ele estabelecida. Exemplos: Prezado senhor Fulano, Excelentíssimo senhor presidente Luís Inácio Lula da Silva, Senhor presidente Luís Inácio Lula da Silva, Caro deputado Sicrano, etc.

c) **Interlocutor definido:** essa é, indubitavelmente, a principal diferença entre a dissertação tradicional e a carta. Quando alguém pedia a você que produzisse um texto dissertativo, geralmente não lhe indicava aquele que o leria. Você simplesmente tinha que escrever um texto. Para alguém. Na carta, isso muda: estabelece-se uma comunicação particular entre um eu definido e um você definido. Logo, você terá que ser bastante habilidoso para adaptar a linguagem e a argumentação à realidade desse leitor e ao grau de intimidade estabelecido entre vocês dois. Imagine, por exemplo, uma carta dirigida a um presidente de uma associação de moradores de um bairro carente de determinada cidade. Esse senhor, do qual você não é íntimo, não tem o Ensino Médio completo. Então, a sua linguagem, escritor, deverá ser mais simples do que a utilizada numa carta para um juiz, por exemplo (as palavras podem ser mais simples, mas a Gramática sempre deve ser respeitada...). Os argumentos e informações deverão ser compreensíveis ao leitor, próximos da realidade dele. Mas, da mesma maneira que a competência do interlocutor não pode ser superestimada, não pode, é claro, ser menosprezada. Você deve ter bom senso e equilíbrio para selecionar os argumentos e/ou informações que não sejam óbvios ou incompreensíveis àquele que lerá a carta.

d) **Necessidade de dirigir-se ao leitor:** na dissertação tradicional, recomenda-se que você evite dirigir-se diretamente ao leitor por meio de verbos no imperativo (“pense”, “veja”, “imagine”, etc.). Ao escrever uma carta, essa prescrição cai por terra. Você até passa a ter a necessidade de fazer o leitor “aparecer” nas linhas. Se a carta é para ele, é claro que ele deve ser evocado no decorrer do texto. Então, verbos no imperativo – que fazem o leitor perceber que é ele o interlocutor – e vocativos são bem-vindos. Observação: é falha comum entre os alunos-escritores “disfarçar” uma dissertação tradicional de carta argumentativa. Alguns escrevem o cabeçalho, o vocativo inicial, um texto que não evoca em momento algum o leitor e, ao final, a assinatura. Tome cuidado! Na carta, vale reforçar, o leitor “aparece”.

e) **Expressão que introduz a assinatura:** terminada a carta, é de praxe produzir, na linha de baixo (margem do parágrafo), uma expressão que precede a assinatura do autor. A mais comum é “Atenciosamente”, mas, dependendo da sua criatividade e das suas intenções para com o interlocutor, será possível gerar várias outras expressões, como “De um amigo”, “De um cidadão que votou no senhor”, “De alguém que deseja ser atendido”, etc.

f) **Assinatura:** um texto pessoal, como é a carta, deve ser assinado pelo autor. Nos vestibulares, porém, costuma-se solicitar ao aluno que não escreva o próprio nome por extenso. Na Unicamp, por exemplo, ele deve escrever a inicial do nome e dos sobrenomes (J. A. P. para João Alves Pereira, por exemplo). Na UEL, somente a inicial do prenome deve aparecer (J. para o nome supracitado). Essa postura adotada pelas universidades é importante para que se garanta a imparcialidade dos corretores na avaliação das redações.

A estrutura de uma carta argumentativa

Início: identifica o interlocutor. A forma de tratá-lo vai depender do grau de intimidade existente. A língua portuguesa dispõe dos pronomes de tratamento para estabelecer esse tipo de relação entre interlocutores.

O essencial é mostrar respeito pelo interlocutor, seja ele quem for. Na falta de um pronome ou expressão específica para dirigir-se a ele, recorra ao tradicional "Senhor" "Senhora" ou Vossa Senhoria. O texto dissertativo é dirigido a um interlocutor genérico, universal. A proposta de carta argumentativa pressupõe um interlocutor específico para quem a argumentação deverá estar orientada. Essa diferença de interlocutores deve necessariamente levar a uma organização argumentativa diferente, nos dois casos. Até porque, na carta argumentativa, a intenção é freqüentemente a de persuadir um interlocutor específico (convencê-lo do ponto de vista defendido por quem escreve a carta ou demovê-lo do ponto de vista por ele defendido e que o autor da carta considera equivocado).

Mas que fique bem claro: no cumprimento da proposta em que é exigida uma carta argumentativa, não basta dar ao texto a organização de uma carta, mesmo que a interlocução seja natural e coerentemente mantida; é necessário **argumentar**.

Características da carta argumentativa:

- ✓ Constitui um texto de natureza argumentativa, que tem por finalidade defender o ponto de vista do locutor e persuadir o interlocutor;
- ✓ Apresenta formato constituído pelas seguintes partes: data, vocativo, corpo do texto (assunto), expressão cordial de despedida e assinatura;
- ✓ O corpo é constituído por três partes essenciais: exposição do ponto de vista do autor (ou idéia principal); desenvolvimento (com argumentos) desse ponto de vista; conclusão;
- ✓ Linguagem culta, formal, impessoal, clara e objetiva;
- ✓ Verbos geralmente no presente do indicativo ou no imperativo;
- ✓ Predomínio da 1ª ou 3ª pessoa.

São Paulo, 14 de agosto de 2000.

Prezados Senhores

Uns amigos me falaram que os senhores estão para destruir 45 mil pares de tênis falsificados com a marca Nike e que, para esse fim, uma máquina especial já teria até sido adquirida. A razão desta cartinha é um pedido. Um pedido muito urgente.

Antes de mais nada, devo dizer aos senhores que nada tenho contra a destruição de tênis, ou de bonecas Barbie, ou de qualquer coisa que tenha sido pirateada. Afinal, a marca é dos senhores, e quem usa essa marca indevidamente sabe que está correndo um risco. Destruam, portanto. Com a máquina, sem a máquina, destruam. Destruir é um direito dos senhores. Mas, por favor, reservem um par, um único par desses tênis que serão destruídos para este que vos escreve. Este pedido é motivado por duas razões: em primeiro lugar, sou um grande admirador da marca Nike, mesmo falsificada. Aliás, estive olhando os tênis pirateados e devo confessar que não vi grande diferença deles para os verdadeiros.

Em segundo lugar, e isto é o mais importante, sou pobre, pobre e ignorante. Quem está escrevendo esta carta para mim é um vizinho, homem bondoso. Ele vai inclusive colocá-la no correio, porque eu não tenho dinheiro para o selo. Nem dinheiro para selo, nem para qualquer outra coisa: sou pobre como um rato. Mas a pobreza não impede de sonhar, e eu sempre sonhei com um tênis Nike. Os senhores não têm idéia de como isso será importante para mim. Meus amigos, por exemplo, vão me olhar de outra maneira se eu aparecer de Nike. Eu direi, naturalmente, que foi presente (não quero que pensem que andei roubando), mas sei que a admiração deles não diminuirá: afinal, quem pode receber um Nike de presente pode receber muitas outras coisas. Verão que não sou o coitado que pareço.

Uma última ponderação: a mim não importa que o tênis seja falsificado, que ele leve a marca Nike sem ser Nike. Porque, vejam, tudo em minha vida é assim. Moro num barraco que não pode ser chamado de casa, mas, para todos os efeitos, chamo-o de casa.

Uso a camiseta de uma universidade americana, com dizeres em inglês, que não entendo, mas nunca estive nem sequer perto da universidade – é uma camiseta que encontrei no lixo. E assim por diante. Mandem-me, por favor, um tênis. Pode ser tamanho grande,

embora eu tenha pé pequeno. Não me desagradaria nada fingir que tenho pé grande. Dá à pessoa uma certa importância. E depois, quanto maior o tênis, mais visível ele é. E, como diz o meu vizinho aqui, visibilidade é tudo na vida.

(Moacyr Scliar, cronista da *Folha de S. Paulo*)

Esta carta é um bom modelo porque o remetente, um menino pobre, usa as suas condições de vida como argumentos para convencer o seu destinatário, os empresários da Nike, a dar-lhe um par de tênis. Para isso, **ele inicia a carta apresentando o motivo pelo qual escreve e quem é ele; a seguir, expõe os argumentos com a finalidade de convencer o seu interlocutor.** Note ainda que a linguagem deve ser coerente com a pessoa que escreve (neste caso, é um vizinho do menino) e também adequada à pessoa para quem se envia a carta: não escreveríamos para um cantor popular com a mesma linguagem que usaríamos para nos dirigir ao presidente da República, não é?

A CARTA ARGUMENTATIVA E OS PRONOMES DE TRATAMENTO

O Aurélio define os pronomes de tratamento como "*palavra ou locução que funciona tal como os pronomes pessoais*". Os gramáticos, por sua vez, ensinam que esses pronomes são da terceira pessoa, substituindo o "tu" da segunda pessoa. Isso quer dizer que o verbo sempre deve estar na terceira pessoa do singular!

O verbo fica na terceira pessoa do singular porque a concordância é feita com a qualidade "excelência" e não com o pronome possessivo "Vossa".

Ao enviar uma carta, podemos ter dificuldade quanto ao VOCATIVO: que pronome usar para as autoridades? há diferentes pronomes para diferentes destinatários: em meio às dezenas de expressões que se convencionou considerar as mais respeitadas, devemos usar aquela específica.

Respeito ao cargo. Penso que é uma falsa idéia considerar os pronomes de tratamento como necessários para manifestar respeito pelo cargo público que uma pessoa ocupa. Esses cargos, em uma democracia, são conferidos pelo povo e nenhum deles representa autoridade sobre pessoas; representam apenas responsabilidade pelo cumprimento da Lei no setor específico da autoridade respectiva.

O emprego de "Senhor". Os pronomes de tratamento são expressões do distanciamento e da subordinação em que uma pessoa voluntariamente se põe em relação a outra, a fim de agradá-la e ensejar um relacionamento cortês. O principal pronome de tratamento, consagrado universalmente e o único que as pessoas comuns devem usar como necessária manifestação de respeito, não importa a quem estejam se dirigindo, é "Senhor"/"Senhora" usando-se sempre o tratamento direto.

O emprego de "Doutor". A palavra "Doutor" tem dois únicos significados e, conseqüentemente, deveria ser empregada somente nos casos a eles pertinentes: "médico", por tradição, ou um determinado grau de estudo universitário obtido em uma especialização além do bacharelado.

Note-se que existem três formas para se empregar os pronomes de tratamento nas cartas argumentativas:

- a) Apenas o qualificativo, utilizado no endereçamento. Ex.: Ao Magnífico Reitor da Universidade do Gama.
- b) O tratamento direto, com ênfase, como na frase: "Vossa Excelência, o que me ordena?"
- c) O tratamento indireto, quando falamos a um terceiro a respeito da autoridade: "Sua Excelência o Ministro me fez portador dessa mensagem congratulatória".

Alguns exemplos: Atenção para as abreviações !!!!

1-Vossa Excelência (V. Ex.^a).Emprega-se, no meio oficial para:

Presidente da República

Vice-Presidente da República

Ministros de Estado

Chefe do Estado Maior das Forças Armadas

Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República

Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República

Consultor Geral da República

Chefe do Serviço Nacional de Informações

Presidentes e Membros das Assembléias Legislativas dos Estados

Governadores de Estado e Vice-Governadores
Prefeitos Municipais
Secretários de Estado
Senadores
Deputados
Juizes do Trabalho, Juizes de Direito e Juizes Eleitorais
Procurador Geral da República
Embaixadores e Cônsules
Generais e Marechais
Forma de endereçamento:: Excelentíssimo Senhor (Exm^o. Sr) e Meritíssimo Senhor (MM) para juizes

2-Vossa Senhoria (V. S.^a), emprega-se, no meio oficial para:

Funcionários graduados
Organizações comerciais e industriais
Particulares em geral
Forma de endereçamento: Ilustríssimo Senhor
(Ilm^o. Sr.)

3-Vossa Eminência (V. Em.^a), emprega-se, no meio oficial para:

Cardeais
Forma de endereçamento: Eminentíssimo Senhor
(Emm.^o Sr.)
Vossa Excelência Reverendíssima (V. Ex.^a. Rev.^{ma}), emprega-se, no meio oficial para:
Arcebispos e Bispos
Forma de endereçamento: Excelentíssimo Senhor
(Exm.^o Sr.)

4-Vossa Santidade (V.S.). emprega-se, no meio oficial para:

Papa
Forma de endereçamento: Santíssimo Padre ou Beatíssimo Padre...

5-Reverendo (Rev.^{do}.), emprega-se, no meio oficial para:

Sacerdotes
Clérigos
Religiosos
Forma de endereçamento: Reverendo...

6-Vossa Magnificência, emprega-se, no meio oficial para:

Reitores de Universidades
Forma de endereçamento: Magnífico Reitor...

7-Vossa Majestade (V. M.), emprega-se, no meio oficial para:

Imperadores
Reis
Rainhas
Forma de endereçamento: A Sua Majestade, Rei(ou Rainha)

Vossa Alteza (V. A.), emprega-se, no meio oficial para:

Príncipes e Princesas
Forma de endereçamento: A Sua Alteza, Príncipe... (ou Princesa)

Em tempo:

1- A fórmula por extenso é uma exigência somente para Presidente da República e Governador de Estado, mas pode ser estendida para as demais autoridades, pois com o advento do computador ficou mais fácil usá-la (já imaginaram quanto se gastava para datilografar 'Vossa Excelência' cada vez que esse tratamento aparecia no texto?). No

entanto, o redator precisa ser coerente usando ou todas as formas abreviadas ou todas por extenso – inclusive "doutor" – desde o endereçamento.

VI) A POESIA

A **poesia**, ou **gênero lírico**, ou **lírica** é uma das sete artes tradicionais, através da qual a linguagem humana é utilizada com fins estéticos. O sentido da mensagem poética também pode ser importante (principalmente se o poema for em louvor de algo ou alguém, ou o contrário: também existe poesia satírica), ainda que seja a forma estética a definir um texto como poético.

Num contexto mais alargado, a poesia aparece também identificada com a própria arte, o que tem razão de ser já que qualquer arte é, também, uma forma de linguagem (ainda que, não necessariamente, verbal).

A poesia, no seu sentido mais restrito, parte da linguagem verbal e, através de uma atitude criativa, transfigura-a da sua forma mais corrente e usual (a prosa), ao usar determinados recursos formais. Em termos gerais, a poesia é predominantemente oral - mesmo quando aparece escrita, a oralidade aparece sempre como referência quase obrigatória, aproximando muitas vezes esta arte da música.

Definir ou conceituar "Poesia" é uma tarefa que pode ser tentada de incontáveis formas e perspectivas.

Para todos que já tiveram a experiência viva de ler e escrever poesia, não é difícil compreender muitas das definições existentes (por mais diferentes que elas sejam em seus fundamentos) e (apesar de todas essas diferenças) "encaixar" as múltiplas visões e torná-las até complementares entre si.

Existem, é claro, alguns genuínos conflitos sobre a natureza e o propósito da Poesia, mas esses, em minha opinião, podem ser atribuídos mais a correntes, escolas, épocas e modismos, que a diferenças entre as diversas perspectivas pelas quais se pode tentar uma compreensão abrangente do tema.

Por outro lado, para quem nunca teve a vivência prática da poesia, muitas das definições podem parecer assunto quase místico; e a idéia de "Poesia", algo tão impalpável que deveria ser objeto da Metafísica e não de qualquer ciência da linguagem, da arte ou da comunicação.

Gêneros poéticos

Os *gêneros de poesia* permitem uma classificação dos poemas conforme suas características. Por exemplo, o poema épico é, geralmente, narrativo, de longa extensão, grandiloquente, aborda temas como a guerra ou outras situações extremas. Dentro do gênero épico, destaca-se a epopéia. Já o poema lírico pode ser muito curto, podendo querer apenas retratar um momento, um *flash* da vida, um instante emocional. Poesia é a expressão um sentimento, como por exemplo o amor. Vários poemas falam de amor. O poema é o seu sentimento expressado em belas palavras, palavras que tocam a alma.

Definição sucinta de poesia: é a arte de exprimir sentimentos por meio da palavra ritmada. Essa definição torna-se insuficiente quando se volta o olhar para a poesia social, a política ou a metapoesia. Com o advento da poesia concreta, o próprio ritmo da palavra foi anulado como definição de poesia, valorizando mais o sentido. O poema passa a ter função de exprimir sucintamente e entre linhas o pensamento do eu-lírico. A narrativa também pode fazer isso, mas a maioria dos poemas, com exceção dos épicos, não se baseia num enredo. A mensagem do autor é muito mais importante do que a compreensão de algum fato.

Licença poética

A poesia pode fazer uso da chamada *licença poética*, que é a permissão para extrapolar o uso da norma culta da língua, tomando a liberdade necessária para recorrer a recursos como o uso de palavras de baixo-calão, desvios da norma ortográfica que se aproximam mais da linguagem falada ou a utilização de figuras de estilo como a hipérbole ou outras que assumem o carácter "fingidor" da poesia, de acordo com a conhecida fórmula de Fernando Pessoa ("O poeta é um fingidor").

A matéria-prima do poeta é a palavra e, assim como o escultor extrai a forma de um bloco, o escritor tem toda a liberdade para manipular as palavras, mesmo que isso implique romper com

as normas tradicionais da gramática. Limitar a poética às tradições de uma língua é não reconhecer, também, a volatilidade das falas.

Licença Poética é a liberdade concedida a um artista, não necessariamente um poeta, para se expressar criativamente, sem obediência rígida a um cânone, a uma gramática, a um código ou a um modelo convencional de escrita. Ao sabor deste tipo de liberdade, é possível encontrar os mais diversos desvios à norma poética, desde rimas falsas a versos de métrica irregular, desde temas obscenos em épocas de contenção moral a mistura de várias formas de expressão literária na mesma composição. Aristóteles tolerou na *Poética* (1460a, 26) este tipo de liberdade, encorajando os poetas a aproximarem-se das “coisas possíveis” pela verossimilhança: “De preferir às coisas possíveis mas incríveis são as impossíveis mas críveis”.

O importante, para validar aos olhos do público leitor a legitimidade da licença poética, é que os fins da poesia livre sirvam os meios utilizados. Uma das mais enigmáticas personificações de Fernando Pessoa, o Professor Trochee, num didático texto, “Ensaio sobre Poética: Escrito para edificação e para a instrução dos pretensos poetas” (s.d.), comenta: “Espero escapar ao ridículo universal ao afirmar que, teoricamente, a poesia é susceptível de escansão. Gostaria, porém, que ficasse claro que concordo com o Sr. A. B. quando afirma que a escansão estrita não é de todo necessária para o sucesso e mesmo para o mérito de uma composição poética. E creio não parecer excessivamente pedante se procurar no armazém do Tempo, para citar como autoridade, algumas das obras de um certo William Shakespeare ou Shakspeare que viveu há alguns séculos e que desfrutava de alguma reputação como dramaturgo. Esta pessoa tinha por hábito cortar, ou acrescentar, uma ou mais sílabas nos versos das suas numerosas produções, e se era inteiramente permitido naquela época de beleza quebrar as regras do bom senso artístico e imitar algum obscuro escriba, ousarei recomendar ao principiante o prazer desta liberdade poética.” (*Pessoa por Conhecer - Textos para um Novo Mapa*, trad. de Luísa Medeiros [Atribuído inicialmente ao Dr. Pancrácio], Teresa Rita Lopes, Estampa, Lisboa, 1990). Da Idade Média ao Modernismo, pudemos assistir ao compromisso que o poeta tinha com a retórica e com as artes poéticas que disciplinavam a escrita dos versos. Também conhecida em outros momentos por licença métrica, não estranhemos que a maior parte das liberdades consagradas para infringir a norma são de natureza prosódica ou retórica (quando ocorrem diéreses, sínéreses, sínopes, apócopes, etc.).

Dada a dificuldade natural em respeitar todas as regras escolares, que obrigavam o poeta a conter a sua imaginação criativa a formas programadas e controladas por códigos complexos de poética e retórica, a licença poética serviu muitas vezes para esconder a impossibilidade de tais regras serem infalíveis e totalmente reguladoras da poesia, como se pode testemunhar em Shakespeare, citado por Pessoa, mas também em Luís de Camões e em todos os poetas clássicos, românticos e ultra-românticos, por exemplo. Nestes casos, é quase sempre a questão da rima (e da métrica) que é discutida. A partir do momento em que o modernismo inaugura praticamente o fim das artes poéticas e dos códigos de retórica, para que a poesia se pudesse expressar com total liberdade formal, torna-se difícil falar de licença poética, a não ser quando se utiliza uma fórmula clássica, o soneto, por exemplo, sem obedecer às suas regras canônicas. As recentes teorias sobre o gênero têm sido das mais interventivas na crítica às regras que outrora colocavam na autoridade de um crítico erudito o poder extraordinário de declarar os limites da licença poética. Hoje, se aceita que nenhuma forma de expressão literária pode estar sujeita as regras castradoras da sua concretização artística.

VII) TIRA é abreviatura de TIRA de História em Quadrinhos, ou seja, uma piada contada por meio de quadrinhos.

X-SALADA



VIII) HQ é abreviatura de História em Quadrinhos. "As HQs são constituídas de no mínimo dois desenhos, sendo que o segundo é uma continuação do primeiro. Apesar destas diferenciações,

torna-se mister ressaltar que tais manifestações acabam por vezes se imiscuindo, imbricando-se (como nos casos já citados acima, no referente às charges seqüenciadas dos irmãos Caruso), pois a realidade, por ser multidiversificada, introduz como resultantes nos processos criativos dos autores elementos não-entrópicos (a entropia aqui é um termo emprestado da física Termodinâmica, que diz que uma certa quantidade de energia se perde num processo fechado)."

IX) CARTUM é uma piada contada normalmente com apenas um painel, como esses que eu fiz pro Salão de Humor de Foz que eu postei anteriormente. "**Cartum** vem da palavra inglesa cartoon e significa literalmente cartão, que é o suporte onde eram feitos desenhos ingênuos e descompromissados de humor para serem inseridos nos jornais em seus primórdios. O cartum geralmente constitui-se de um só desenho, uma imagem geralmente cômica e universal. O Cartum é a matriz da charge"

X) CHARGE é também um cartum, mas a diferença é que procura fazer um comentário ou crítica sobre um fato atual, sendo que o CARTUM tem um conteúdo mais universal (cartuns de naufragos, por exemplo). Para tratar de temas atuais, é comum a CHARGE retratar personalidades atuais através da CARICATURA, que é o desenho estilizado dessas personalidades. "**Charge** é uma palavra da língua francesa e significa "ataque" ou "carregar", no figurativo. Ela se constitui igualmente de um só desenho, diferindo do cartum no sentido que é sempre um desenho exagerado de caráter crítico, em geral à política, e preso a determinada época ou fato importante. Por este caráter político e social, a charge pode servir como importante elemento historiográfico. A Charge pode se configurar em HQs, como é o caso dos irmãos Caruso, que publicam sátiras quadrinizadas das cenas políticas brasileiras, semanalmente, na revista Isto É"

XI) CARICATURA é um termo que ante veio à Charge e que foi designado na primeira vez no século XVII para classificar os desenhos satíricos de Agostinho Carracci, enfocando tipos populares de Bolonha. A Caricatura vem, pois, do vocábulo italiano *Caricare* e significa "carregar", "exagerar" e, embora em nosso país esteja muito ligada aos desenhos que satirizam rostos, pode estar presente também como a caricaturização de alguma cena ou fato e por isto, na verdade, a Caricatura se torna sinônima de Charge, podendo existir em qualquer uma das três outras modalidades, seja o Cartum, a Charge ou as Histórias em Quadrinhos. A caracterização da palavra Caricatura como referente exclusivo da representação cômica de um rosto advém de um falso atributo semântico, já que a palavra portuguesa "cara" significa rosto.

CAPÍTULO 3

UNIDADE E DIVERSIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

1) Níveis de Linguagem

Adequação Vocabular Segundo a Norma Culta

Se dissermos que a linguagem é o instrumento da comunicação humana, devemos acrescentar que uma série de fatores acabam por influenciar na produção e na recepção de um texto. Leia os fragmentos a seguir:

___ Vossa senhoria poderia fazer o obséquio de suspender sua fala por alguns instantes, a fim de que eu possa terminar minhas observações?

___ Cala a boca que eu quero falar!

Em ambos os casos, o emissor pretende conseguir do receptor sua atenção silenciosa, valendo-se, para isso, de diferentes estratégias que podem ser utilizadas de acordo com um contexto. Para distinguir essas diferentes situações, os lingüistas elaboram o conceito de **níveis de linguagem**: usos e registros de linguagem.

- **Registro formal**: respeita-se a norma culta do idioma; preocupa-se com a correção gramatical; elabora-se um texto formal com uma linguagem erudita.

- * **Erudito** – Fa-lo-ía se lhe fosse anuído?
- * **Culto** – Você faria isso se fosse possível?
- **Registro informal:** os emissores cometem pequenas falhas conforme a norma coloquial; quando ocorre erros graves, especialmente, de ortografia e concordância, a linguagem se classificará como inculta ou vulgar.
- * **Coloquial** – Dá pra fazer isso?
- * **Vulgar** – Num dá pra mim fazê. Tu pode?

Na produção de um texto para o Vestibular, em particular, não há dúvida de que tipo de receptor e sua expectativa, o tipo de mensagem a ser transmitida, o assunto cobrado, entre outros aspectos, delimitam nossa comunicação. Dessa forma, mesmo pessoas muito tímidas para falar em roda de conversa, por exemplo, podem ter um excelente desempenho na dissertação. Inversamente, pessoas bastante comunicativas e extrovertidas às vezes cometem falhas graves na comunicação formal.

1 – PESSOALIDADE E IMPESSOALIDADE

Uma distinção acerca dos usos da linguagem diz respeito ao grau de intervenção do autor do texto. Esse aspecto pode ser verificado no nível morfológico, de acordo com o uso de duas classes gramaticais. No caso dos pronomes e dos verbos a partir de suas conjugações poderemos perceber a que pessoa do discurso se refere. Obviamente, sendo a primeira pessoa (do singular ou do plural) a “pessoa que fala” – isto é, o emissor -, sempre que ela aparece em um texto, pode-se perceber a presença do autor. Por isso denominamos a linguagem empregada de *peçoal*. Caso aconteça o contrário e a primeira pessoa estiver ausente e o autor utilizar apenas a terceira pessoa, a linguagem do texto será *impessoal*.

(Dito de outro modo, será *peçoal* todo texto que utilizar, mesmo que apenas uma vez, um pronome ou verbo em 1ª pessoa)

2 – LINGUAGEM TÉCNICA E ARTÍSTICA

Hoje em dia é cada vez mais freqüente a mistura de gêneros textuais, fazendo com que textos artísticos (literários, poéticos) incorporem elementos técnicos e, da mesma forma, textos técnicos absorvam aspectos da arte.

De maneira geral, entretanto, é possível reconhecer algumas características que permitam distinguir esses dois tipos de linguagem. A linguagem *artística* costuma ser marcada pelo uso expressivo das figuras de linguagem e da conotação, bem como da função poética (centrada na mensagem). Por sua vez, a linguagem *técnica* é mais objetiva e denotativa, com predomínio da função referencial (centrada no contexto ou assunto), geralmente, identificamos que esta linguagem empregada serve ao propósito da informação.

➤ *Para que o sentido de um texto seja construído é imprescindível a união de linguagem (forma) e conhecimento de mundo (conteúdo).*

3 – CONHECIMENTO DE MUNDO

Toda escrita é um ato de comunicação, uma troca de informações úteis e de bons argumentos. Por isso, um bom redator – assim como um bom leitor – precisa estar “atenado”, o conhecimento de mundo torna as pessoas interessantes, e são essas pessoas as melhores redadoras. Manter um contato ativo com o mundo que nos cerca, lendo as últimas notícias e pensando sobre seus significados se faz necessário para relacioná-los com a experiência de vida e com todas as ciências estudadas.

4 – CONTEXTO

Uma declaração sempre está inserida em contexto que pode gerar o esclarecimento de muitas interpretações exageradas. A compreensão de um fragmento de texto só será determinada a partir do contexto, por isso, sempre precisamos “checar” o texto original, em busca de ressalvas que desautorizem certas interpretações.

5 – INTENCIONALIDADE

Tanto quanto p contexto, a intenção de quem produz um texto deve ser levada em consideração. Ela pode ser explícita ou estar subentendida, no primeiro caso é fácil reconhecê-la pela atitude clara do interlocutor. Não obstante, a intenção implícita do autor se manifesta cotidianamente na imprensa, em particular, pois o objetivo é demonstrar imparcialidade e seriedade buscando a própria credibilidade da mensagem.

6 – SUBJETIVIDADE E OBJETIVIDADE

A exposição de idéias sem a necessidade de argumentos para fundamentá-las é uma forma encontrada pelo autor a fim de apresentar seu ponto de vista, declarando-se em primeira pessoa do discurso. Cada um tem sua própria opinião, que na maioria das vezes baseiam-se nos aspectos emocionais ou religiosos, de uma forma *subjetiva*.

O redator de uma dissertação deve ser capaz de tratar do tema com critérios *objetivos*, de forma imparcial almejando convencer o leitor de sua tese por meio de bons argumentos com caráter exclusivamente racional.

Ler (bem) e Escrever (bem) constituem uma só tarefa, que é de Pensar (bem);
Salvo raríssimas exceções.

O texto a seguir serve às questões 1, 2 e 3.

Massa!

Pô, Erundina, massa! Agora que o maneiro Cazuza virou nome num pedaço aqui em Sampa, quem sabe tu te anima e acha aí um point pra botá o nome de Magdalena Tagliaferro, Cláudio Santoro, Jaques Klein, Edoardo de Guarniere, Guiomar Novaes, João de Souza Lima, Armando Belardi e Radamés Gnattali. Esses caras não foi cruner de banda a la 'Trogloditas do Sucesso', mas se a tua moçada não manjar quem eles foi dá um look aí na Enciclopédia Britânica ou no Groves International e tu vai sacá que o astral do século 20 musical deve muito a eles.

(Júlio Medaglia, di-jei do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. In "Painel do Leitor", Folha de São Paulo, 04/10/90.)

- 1) (Unicamp) Que grupo social pode ser identificado por este estilo? Transcreva as marcas lingüísticas características desse grupo, presentes no texto.

- 2) (Unicamp) Em que campo da cultura deram contribuição importante os nomes mencionados na carta e que passagem(ns) no texto permite(m) afirmar isso?

- 3) (Unicamp) O texto contém uma crítica implícita. Qual é, e a quem é dirigida?

NEOLOGISMOS

Os neologismos são novas palavras, criadas para dar conta de novas situações, novos conceitos, fatos, objetos, assim designadas por um determinado tempo. No entanto, tudo que é novo só o é durante um certo período. Com as palavras, ocorre o mesmo. Passado algum tempo, se consagradas pelo uso, são incorporadas aos dicionários e deixam de ostentar essa condição. Passam a vocábulos incorporados ao léxico. Neste estudo, trata-se tão-somente dos neologismos lexicais, que, segundo Claudio Cezar Henriques, "são palavras novas, isto é, não-dicionarizadas ou recém-dicionarizadas. Para caracterizá-los, deve-se tomar como referência, no caso do Português do Brasil, o léxico oficial consignado no VOLP, mas os dicionários *Michaélis*, *Aurélio* ou *Houaiss* também podem ser fonte de consulta" (2003: 87). No entanto, observa-se que, mesmo quando as regras de formação vocabular são respeitadas, há uma grande resistência dos falantes em relação à sua adoção.

Define-se **neologismo** como toda palavra ou expressão de criação recente. Também se considera neologismo uma nova aceção atribuída a uma palavra já existente no léxico. O neologismo pode ser criado na própria língua ou importado de uma língua estrangeira, como ocorre freqüentemente em linguagem técnica.

Exemplo de neologismo criado em nossa própria língua pelo acréscimo de significado a uma palavra já existente é o da palavra **cirurgia**, que vem sendo utilizada ultimamente como sinônimo de operação: cirurgia de Blalock-Taussig, cirurgia de Heller, cirurgia de Billroth II, cirurgia de Wertheim. Há neologismos de cunho popular ou literário, restritos a um determinado idioma, e outros, como os termos científicos, que são internacionais, e devem ser adaptados morfológicamente a cada idioma.

Os neologismos podem ser léxicos e sintáticos. Os primeiros, quando corretamente adaptados à língua, enriquecem o vocabulário sem ferir o gênio da língua; os sintáticos, também chamados de construção, abastardam a língua por atentarem contra a estrutura desta e devem ser evitados. Nas ciências em geral e na linguagem médica em particular, em decorrência do progresso científico e tecnológico, há necessidade constante da criação de neologismos que expressem com exatidão novas descobertas, novos fatos e novos conceitos.

Há três maneiras de atender a essa necessidade: formar uma palavra nova, importar um termo de língua estrangeira, ou conferir um novo significado a uma palavra já existente.

CLICHÊS

Entendem-se como clichês determinadas expressões que já estão sendo muito usadas na sociedade, isto é, quando ocorre o exagero do uso ou quando são utilizadas desnecessariamente – lugar comum.

Assim, é preciso usar e abusar dos clichês na publicidade, para que o cliente tenha certeza absoluta de que a agência fez o “melhor”, “seguiu as tendências do mercado” e não se deixou levar por leviandades criativas. Quase sempre, fazer uma propaganda é tão-somente contar uma grande mentira. Criativas ou não tão grande; mas, ainda assim, mentira. Vejamos o caso dos garotos-propaganda. Há recursos bem tradicionais nesse quesito. Seguem exemplos clássicos:

Bebês

Um bom tipo de apelação é colocar bebezinhos na tela para que todo mundo fique com vontade de apertar. E os pequerruchos não anunciam somente fraldas, mas também leite, papel higiênico, desinfetante etc.

CHAVÕES

Algumas expressões que aparecem principalmente no final de algumas redações de vestibular são muitas vezes discriminadas pela banca devido ao fato de serem utilizadas muitas vezes apenas pelo costume, ou seja, **chavões** são modelos ou padrões instituídos pela sociedade, ‘a coisa que se diz ou se escreve por costume’- lugar-comum ou mesmo que **clichê**.

AMBIGÜIDADE

Tente ao máximo não usar textos ou formas ambíguas. Isso é um defeito grave, pois induz o leitor ao erro. Ambigüidades ocorrem quando: há ausência de vírgulas, o adjunto adverbial foi colocado no lugar errado, há sucessão inadequada de termos, o ‘que’ foi colocado em outra posição que não logo depois do nome que substitui e, finalmente, quando se abusa da preposição ‘de’. Ambíguo quer dizer, literalmente, “que se pode tomar em mais de um sentido”. Alguns exemplos: “Gols de bandeja” (o jornal queria se referir a um torneio de futebol disputado por garçons), “Hoje é proibido ficar doente” (a notícia falava de greve em hospitais), “Cachorro faz mal à moça” (a personagem teve indigestão ao comer um cachorro quente com salsicha estragada), “Comeu a mãe e foi parar no hospital” (um menino colocou na boca um animal de nome ‘mãe d’água’, que provoca queimaduras graves se ingerido), “Vendem-se cobertores para casal de lã (ambigüidade provocada por troca da ordem das palavras), “Estamos liquidando pijamas para homens brancos” (má disposição das palavras na frase), “A ordem do ministro que vai de Brasília...” (ambigüidade do pronome relativo ‘que’), “Subindo a serra, avistei vários animais” (ambigüidade provocada pelo gerúndio. Quem subia a serra?), “Eu noivaria com você, Verinha, se tivesse um pouco de dinheiro” (ambigüidade ocasionada por omissão de termos; eu ou você?), “Ele pensava no antigo amor e julgava que a sua agressividade teria contribuído para o término do romance” (ambigüidade ocasionada pelo emprego de um pronome que é válido tanto para ‘ele’ como para ‘ela’; dele ou dela?)

GÍRIAS

Evite-a ao máximo. Ela banaliza e pode até confundir o texto. Normalmente, usam-se gírias somente em transcrições de declarações de terceiros. Mesmo assim, é sempre bom usar o bom senso.

PALAVRÕES

Nem pensar. O nível do texto deve ser sempre preservado. O uso de expressões chulas vulgariza a produção textual. Mesmo quando o vulgar é usado pelo entrevistado, deve ser suprimido. A menos que em uma notícia jornalística só exista em unção disso. E, mesmo assim, dependendo do palavrão, ele deve ser escrito só com a primeira letra seguida de três pontinhos.

SIGLA

Geralmente elas criam dificuldades para o leitor. Portanto, a não ser que seja uma sigla consagrada (PMDB, por exemplo), a gente deve colocá-la logo adiante do nome completo: Secretaria Municipal de Esportes (Semesp). Sigla em título, somente se for consagrada. Além disso, quando se tratar de termos não pronunciáveis como palavras, todas as letras devem vir em caixa alta. Se formar uma palavra, alto e baixo. Esta regra tem uma única exceção: ONU. É que a sigla foi assim registrada pela organização.

REGIONALISMO

O mesmo que bairrismo. Pode levar as pessoas a não entenderem o que se está querendo dizer. A menos que o texto seja sobre isso, evite chamar, por exemplo, um camelô de marreteiro. Ou abóbora com carne seca de jerimum como jabá. Até porque "jabá", em jornalismo, é pecado mortal. Atenção para quando for escrever as Regiões Geográficas: *com maiúsculas*, se forem oficiais: Triângulo Mineiro, Vale do Canaã. Este mesmo princípio se aplica a regiões geográficas, quando referentes a partes de um território: Região Sul do Espírito Santo, Região Norte, Sul do País, Norte do Estado. OBS: note que, no penúltimo exemplo, país entrou com "P" maiúsculo porque substitui o nome "Brasil".

REPETIÇÃO DE PALAVRAS

É sumamente necessário evitar sempre qualquer tipo de repetição, tanto de frases como de palavras ou expressões. O emprego de vocabulário amplo enriquece o texto. Mas cuidado com uma armadilha: o uso de muitos sinônimos pode levar à imprecisão. Não podemos ficar chamando o advogado de jurista, doutor ou causídico. Neste caso, é melhor repetir o termo.

- Repetição anafórica diz respeito a termo externo ao texto, em alguns casos como, por exemplo, o uso do pronome *ela* no início das frases é um fato que poderia ser corrigido tanto com a utilização de articuladores e a conseqüente elipse do pronome, como pelo recurso da substituição por sinônimos, hipônimos ou hiperônimos.

Um outro problema identificado nos textos diz respeito à repetição ou à não-articulação e à ordenação de informações, que comprometem, além da coesão, o grau de informatividade do texto e sua progressão. Há que se considerar uma ocorrência em que até a coerência fica comprometida: "ela está bem velha que serve para as pessoas sentarem". Aqui, o uso do articulador *que* é incompatível com as relações semânticas que, do ponto de vista lógico, se estabelecem no enunciado; além disso, a correlação *bem... Que* (nesta ocorrência) não é aceitável. Se o aluno utilizasse o conectivo *mas* (e acrescentasse o operador *ainda*), a lógica seria garantida: a. "ela está bem velha, mas ainda serve para as pessoas sentarem." importante destacar a sutil diferença entre *serve* e *ainda serve*.

- Repetição enfática - enfatizar é criar condições para que uma parte do discurso receba maior atenção do receptor que as outras partes e em função disso este atribua um status diferenciado, uma valoração privilegiada, ao referente expresso por essa parte. Uma das formas de obter ênfase é por diferenciação perceptível/atrativa.

Recursos de ênfase : • editoriais: uso de letras maiúsculas, negrito, itálico, sublinhado, cor diferenciada, corpo diferenciado, família de tipos diferenciada, etc.

- repetição
- uso de ocorrências fáticas próprias: 'preste atenção', 'veja lá'.
- uso de balizas: 'é bom frisar', 'não custa lembrar'.
- ênfase pela posição: a posição inicial e a final são mais enfáticas.
- ênfase por gradação: o último termo de uma gradação ascendente ou o primeiro de uma gradação descendente são enfatizados.
- entoação e ou gestual diferenciado.

ESTRANGEIRISMO

No passado, os neologismos importados, em sua maioria, tinham origem na língua francesa. Atualmente, em virtude da hegemonia da língua inglesa como canal de comunicação no meio científico, os mesmos surgem quase sempre em inglês, devendo ser morfológicamente adaptados aos demais idiomas. A língua inglesa é considerada a que tem o maior acervo lexical e este fato decorre de sua própria história – para as palavras oriundas do inglês damos o nome de **anglicismos**.

Estrangeirismos são as referências aos empréstimos lingüísticos de outros idiomas que, geralmente, acabam fazendo parte do nosso vocabulário. Levanta-se a discussão acerca do uso de estrangeirismos tanto no campo lingüístico oral quanto na incorporação destes lexemas à escrita, sendo estes, em sua maioria, dicionarizados. Diferentes vertentes são criadas sobre utilização das formas estrangeiras na língua portuguesa brasileira, nas quais uns defendem uma língua “pura”, restringindo o emprego destas formas no vocabulário (oral / escrito), e outros são adeptos à evolução e renovação da língua que se ajustariam às novas exigências de comunicação e de contato com outros povos, deixando-a ser alterada livremente.

CAPÍTULO 4

FUNÇÕES DA LINGUAGEM

REFERENCIAL (OU DENOTATIVA): centralizada no referente, quando o emissor procura oferecer informações da realidade. Objetiva, direta, denotativa, prevalecendo a 3ª pessoa do singular. Linguagem usada nas notícias de jornal e livros científicos.

EMOTIVA (OU EXPRESSIVA): centralizada no emissor, revelando sua opinião, sua emoção. Nela prevalece a 1ª pessoa do singular, interjeições e exclamações. É a linguagem das biografias, memórias, poesias líricas e cartas de amor.

APELATIVA (OU CONATIVA): centraliza-se no receptor; o emissor procura influenciar o comportamento do receptor. Como o emissor se dirige ao receptor, é comum o uso de tu e você, ou o nome da pessoa, além dos vocativos e imperativo. Usada nos discursos, sermões e propagandas que se dirigem diretamente ao consumidor.

FÁTICA: centralizada no canal, tendo como objetivo prolongar ou não o contato com o receptor, ou testar a eficiência do canal. Linguagem das falas telefônicas, saudações e similares.

METALINGÜÍSTICA: centralizada no código, usando a linguagem para falar dela mesma. A poesia que fala da poesia, da sua função e do poeta, um texto que comenta outro texto. Principalmente os dicionários são repositórios de metalinguagem.

Obs: Em um mesmo texto podem aparecer várias funções da linguagem. O importante é saber qual a função predominante no texto, para então defini-lo.

CAPÍTULO 5

PONTUAÇÃO GRAMATICAL E EXPRESSIVA

Adequação ao texto

Nas nossas produções devemos estar atentos para os problemas provocados pelos longos períodos, e às vezes pelos períodos muito curtos que se encerram sem ter concluído a idéia fundamental. (*SINTAXE*)

Como sabemos, não há oração sem verbo. O verbo relaciona-se com o sujeito num mecanismo de concordância, isto é, sujeito e verbo concordam em número e pessoa. Cabe aqui um lembrete de pontuação: *numa frase escrita na ordem direta, nunca separamos o sujeito e o verbo por vírgula.* (*LÉXICO*)

A pontuação é um “sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas” - A definição é de Nina Catach (*La Pontuaction: Paris, PUF, 1994*). (*PONTUAÇÃO*)

O VALOR DA PONTUAÇÃO

Um homem rico, sentindo-se morrer, pediu papel e caneta e escreveu assim:

“Deixo meus bens à minha irmã não ao meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada aos pobres”.

Não teve tempo de pontuar e morreu. A quem deixara ele a riqueza?

Eram quatro os concorrentes.

Chegou o sobrinho e fez estas pontuações na cópia do bilhete: “Deixo meus bens à minha irmã? Não! Ao meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres”.

Veio a irmã do morto, em seguida, com outra cópia do escrito, que pontuou deste modo: “Deixo meus bens à minha irmã. Não ao meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres”.

Surgiu, então, o alfaiate, que pedindo a cópia do original, fez estas pontuações: “Deixo meus bens à minha irmã? Não! Ao meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres”.

O juiz estudava o caso, quando chegaram os pobres da cidade, e um deles, o mais sábio, tomando outra cópia, pontuou-a assim: “Deixo os meus bens à minha irmã? Não! Ao meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do alfaiate? Nada! Aos pobres”.

➤ **Discutir o texto acima em aula, analisando-o.**

A VÍRGULA NÃO FOI FEITA PARA HUMILHAR NINGUÉM

Era Borjalino Ferraz e perdeu o primeiro emprego na Prefeitura de Macajuba por coisas de pontuação. Certa vez, o diretor do Serviço de Obras chamou o amanuense para uma conversa de fim de expediente. E aconselhativo.

— Seu Borjalino, tenha cuidado com as vírgulas. Desse jeito, o amigo acaba com o estoque e a comarca não tem dinheiro para comprar vírgulas novas.

Fez outros ofícios, semeou vírgulas empenadas por todos os lados e foi despedido. Como era sujeito de brio, tomou aulas de gramática, de modo a colocar as vírgulas em seus devidos lugares. Estudou e progrediu. Mais do que isso, saiu das páginas da gramática escrevendo bonito, com rendilhados no estilo. Cravava vírgulas e crases como ourives crava as pedras. O que fazia o coletor federal Zozó Laranjeira apurar os óculos e dizer com orgulho:

— Não tem como Borjalino para uma vírgula e mesmo para uma crase. Nem o presidente da República!

E assim, um porco-espinho de vírgulas e crases, Borjalino foi trabalhar, como escriturário, na Divisão de Rendas de São Miguel do Cupim. Ficou logo encarregado dos ofícios, não só por ter prática de escrever como pela fama de virgulista. Mas, com dois meses de caneta, era despedido. O encarregado das Rendas, funcionário sem vírgulas e sem crases, foi franco:

— Seu Borjalino, sua competência é demais para repartição tão miúda. O amigo é um homem de instrução. É um dicionário. Quando o contribuinte recebe um ofício de lavra, cuida que é ordem de prisão. O coronel Balduino dos Santos quase teve um sopro no coração ao ler uma peça saída de sua caneta. Pensou que fosse ofensa, pelo que passou um telegrama desaforado ao Senhor Governador do Estado. Veja bem! O Senhor Governador.

E por colocar vírgulas e citar Nabucodonosor em ofício de pequena corretagem, o esplêndido Borjalino foi colocado à disposição do olho da rua. Com uma citação no Diário Oficial e duas gramáticas debaixo do braço.

(CARVALHO, José Cândido de. In: Os mágicos municipais. Rio de Janeiro, José Olympio, 1984. p.44-5.)

FIXANDO

1. No segundo parágrafo:

a) Quantos períodos têm? Classifique-os. _____

b) Justifique o uso da vírgula após a expressão Seu Borjalino. _____

2. No terceiro parágrafo:

a) Quantas orações compõem o primeiro período? _____

b) No período “Estudou e progrediu.”, quantas orações existem e o que marca a existência destas? _____

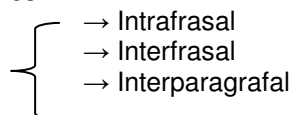
3. O texto coloca em evidência um aspecto dos estudos gramaticais que tem provocado muita polêmica: a distância entre os preceitos teóricos e cotidianos lingüístico. Agora apresente sua opinião a propósito desse problema.

CAPÍTULO 6 **MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL**

1) Conceito

Trata-se da unidade lingüística do texto, realizada por recursos gramaticais, com dois objetivos:

- Evitar repetições
- Estabelecer nexos



2) Tipologia

2.1) Coesão Referencial / Remissiva

Estaduais, brasileiros, Libertadores e mundial: o Flamengo já ganhou **tudo** (ANÁFORA).
O Flamengo já ganhou **tudo**: estaduais, brasileiros, Libertadores e mundial (CATÁFORA).

a) Formas remissivas gramaticais

- Pronomes, artigos, numerais, advérbios, elipses, zeugmas etc.
- Não acrescentam sentido
- Podem acompanhar ou substituir um nome

Exemplo:

Afonso comeu mamão; Julia, uva.

Frederico estava com pressa. **(ele)** Não teve tempo de vestir a calça.

OBS1: o uso de pronomes demonstrativos:

Falta de vergonha: esse é o problema (anáfora)

O problema é este: falta de vergonha (catáfora)

Renal Calheiros e Collor se envolveram em casos de corrupção. Aquele foi inocentado; este sofreu impeachment.

O Brasil tem problemas sociais e ambientais. Apenas aqueles / estes parecem prioridade para a esquerda brasileira.

b) Formas remissivas lexicais

* Sinônimos

Eleição: votação / pleito / escrutínio

* Hiperônimos / hipônimos

- Laranja: fruta

- Futebol: esporte

- Inveja: sentimento

- Problema: situação

- Democracia: sistema

* Termos-síntese

- Miséria, fome, pobreza: problemas

- Reduzir a carga tributária, aprovar a reforma política, investir em educação. Muitas medidas podem melhorar a situação do país.

* Definições

- Neoliberalismo: regime do Estado mínimo

- Países periféricos: nações que desempenham papel secundário no cenário internacional

* Metonímia

- Tempo: o passar dos anos / o girar dos ponteiros do relógio

- Submeter-se: curvar-se

* Epítetos:

- Zico: Galinho de Quintino

- Romário: Baixinho

- Roberto Carlos (cantor): Rei

- Castro Alves: o Poeta dos escravos

- Machado de Assis: o Bruxo do Cosme Velho

- Gregório de Matos: Boca do inferno

- Rio de Janeiro: Cidade maravilhosa

- Cinema: Sétima arte

OBS 2:

Epíteto de pessoa: antonomásia

Epíteto de “coisa”: perífrase

2.2) Coesão Seqüencial

a) Conectivos

* Valores semânticos (consulta na apostila)

b) Frases de apoio

válido analisar também

essencial considerar ainda

É importante observar antes de tudo

Torna-se necessário discutir , portanto , que (...)

Parece possível ressaltar no entanto

imprescindível afirmar de fato

fundamental destacar nesse sentido

c) “Ganhos”

* Antecipação

* Retomada

- **Nível 1:** nada

- **Nível 2:** uso simples de conectivos

- **Nível 3:** uso de conectivo + referência ao parágrafo anterior

- **Nível 4:** gancho semântico forte

A Coesão do Texto

Relações Textuais (Campo 1)	Procedimentos (Campo2)	Recursos (Campo3)	
1. Reiteração	1.1 Repetição	1.1.1 Paráfrase	
		1.1.2 Paralelismo	
		1.1.3 Repetições propriamente dita	*de unidades do léxico *de unidades da gramát.
	1.2 Substituição	1.2.1 Subst. Gramatical	*pronomes *advérbios
		1.2.2 Subst. Lexical	Retomada: *sinônimos *hiperônimos *Caracter. situacionais
		1.2.3 Elipse	Retomada: Por Elipse
2. Associação	2.1 Seleção Lexical	Palavras semânticas próximas	*antônimos * Relações de parte/todo
3. Conexão	3.1 Estabelecimento de relação sintático-semântica entre termos, orações, períodos Parágrafos e bls. supraparagráficos	Uso de diferentes conectores	*preposições *conjunções *advérbios *e respectiva locução

Conectivos ou conectores

Os conectivos – também conhecidos como conectores ou operadores do discurso - são palavras ou expressões correntes no idioma, cujo significado estabelece vínculos semânticos específicos. Os principais valores conectores utilizados em textos dissertativo, divididos por valores semânticos, são:

1. Prioridade / Relevância

Em primeiro lugar / Antes de mais nada / Primeiramente / Acima de tudo / Precipuamente / Mormente / Principalmente / Primordialmente / Sobretudo.

2. Tempo (frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade, simultaneidade, eventualidade)

Então / Enfim / Logo / Imediatamente / Após / A princípio / Pouco antes / Pouco depois / Anteriormente / Posteriormente / Em seguida / Afinal / Por fim /

Finalmente / Agora / Atualmente / Hoje / Frequentemente / Constantemente / Às vezes / Eventualmente / Por vezes / Ocasionalmente / Sempre / Raramente / Não

raro / Ao mesmo tempo / Nesse ínterim / Nesse tempo / Enquanto isso — e as conjunções temporais.

3. Semelhança / Comparação / Conformidade

Igualmente / Da mesma forma / Assim também / Do mesmo modo / Similarmente / Semelhantemente / Analogamente / Por analogia / De maneira idêntica / De conformidade com / De acordo com / Segundo / Conforme / Sob o mesmo ponto de vista – e as conjunções comparativas.

4. Adição / Continuidade

Além disso / Nesse sentido / Nessa direção / Nessa perspectiva/ Ademais / Outrossim / Ainda mais / Por outro lado / Por sua vez / Também;

5. Dúvida

Talvez / Provavelmente / Possivelmente / Não é certo / Se é que.

6. Certeza / Ênfase

De certo / De fato / Por certo / Certamente / Indubitavelmente / Inquestionavelmente / Sem dúvida / Inegavelmente / Com certeza.

7. Surpresa / Imprevisto

Inesperadamente / Inopinadamente / De súbito / Imprevistamente / Surpreendentemente.

8. Ilustração / Esclarecimento

Isto é / Quer dizer / Em outras palavras / Ou seja / Ou por outra / Ou melhor.

9. Propósito / Intenção / Finalidade

Com o fim de / A fim de / Com o propósito de / Propositalmente / De propósito / Intencionalmente – e as conjunções finais.

10. Lugar / Proximidade / Distância

Perto de / Próximo a ou de / Junto a ou de / Dentro / Fora / Mais adiante / Além / Acolá — outros advérbios de lugar, algumas outras preposições e os pronomes demonstrativos.

11. Resumo / Recapitulação / Conclusão

Em suma / Em síntese / Enfim / Em resumo / Portanto / Assim / Dessa forma / Dessa maneira / Nesse sentido / Nessa perspectiva.

12. Causa

Por / Em função de / Porque / Já que / Na medida em que / Em virtude de / Devido a.

13. Conseqüência

Por conseqüência / Por conseguinte / Como resultado / Por isso / Assim.

14. Contraste / Restrição / Ressalva

Pelo contrário / Em contraste com / Salvo / Exceto / Menos — e as conjunções adversativas e concessivas (mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, mesmo que, ainda que, embora, apesar de)

Exercícios

1) Nos trechos reproduzidos a seguir, os termos destacados estabelecem coesão referencial. Identifique as técnicas utilizadas em cada caso, dando-lhes nomes apropriados.

a) A população brasileira não deixa de nos surpreender. De fato, nossa sociedade tem feito de tudo para ajudar em campanhas beneficentes, contrariando sua fama típica.

b) O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas limitações acabam prejudicando a economia.

c) Roberto Carlos negou tudo. O rei disse que estava apenas conversando com sua amiga.

d) Já se tornou previsível a resposta de qualquer político quando indagado sobre suas promessas de campanha: não houve condições de realizá-las ainda.

e) O Brasil enfrenta um problema político e um econômico. O primeiro diz respeito às falsas expectativas; o segundo, ao realismo frustrante.

f) Precisamos consolidar a democracia em todo o mundo. Apenas com esse sistema será possível estabelecer a tão almejada justiça social.

g) Após a partida, o jogador concedeu uma entrevista bombástica: o craque afirmou que fora subornado pelo time adversário.

h) Educar: essa é a saída para um país que pretende distribuir sua renda da maneira mais eficaz. Sem dúvida, o acesso a escola é a base da qualificação de um profissional no mundo de hoje. Bem formado, o indivíduo tem a chance de conseguir um emprego com remuneração acima da média. Se essa realidade se multiplicar, pode-se criar um ciclo virtuoso de produtividade e acesso ao emprego. em pouco tempo, quase todos teriam sua oportunidade. Por isso a saída é esta: educar.

i) As tecnologias de comunicação criam uma nova dimensão espaço-temporal. Com os avanços mais recentes, pode-se fazer uma viagem virtual muito mais simples do que os filmes de ficção científica poderiam imaginar.

j) O governo tem-se preocupado com os índices de inflação. O planalto diz que não aceita qualquer remarcação de preço.

k) A Academia Brasileira de Letras realizará nova eleição na próxima semana. Desta vez, não são poucos os candidatos a uma vaga na Casa de Machado de Assis.

l) Dar esmolas, criar frentes de trabalho, ensinar profissões. Todas as soluções são válidas quando se trata de uma crise econômica.

m) O neoliberalismo tem sido a fonte de muitos problemas nos países periféricos. Sem dúvida, o regime do Estado mínimo redimensiona a distribuição de poderes, sem benefício para a maioria.

2) A redação abaixo transcrita foi escrita por uma aluna para o tema “Qual a importância da cultura para um indivíduo?” Retiramos alguns dos mecanismos de coesão utilizados, para que você os infira a partir das relações lógicas expressas pelas idéias.

Estímulo social

O desenvolvimento pelo qual o homem tem passado ao longo de sua história o diferencia dos outros animais como um ser racional. (1) gera as bases da integração social e dos inúmeros avanços conquistados, (2) produz conceitos, cultura, que são o instrumento para tornar possível a adequação do indivíduo como ser operante de seu meio. (3), um conhecimento amplo pode influir nas mais variadas esferas sociais. (4) um cidadão consciente e culto é melhor acolhido como um todo pelas necessidades modernas. Como indicativo, têm-se os altos níveis de desemprego nas populações mais pobres, excluídas da educação formal, ou ainda a amplitude do setor informal. (5) demonstram a exigência de currículos fortes e habilidades individuais para a aquisição de empregos melhor remunerados. Ainda dentro desses melhores trabalhos, o que é decisivo na posição de cargos é a bagagem cultural do empregado. (6), até mesmo na vida pessoal a cultura é presente como indicador de relações, (7) pessoas intelectualizadas tendem a manter interações com outras que possam acompanhar seu raciocínio. (8), outros setores menos privilegiados em informação cultural acabam vivenciando realidades sociais distintas numa espécie de segregação intelectual. (9), (10) atrasa também o desenvolvimento social e político do país ao manter grande parte da população distante das grandes decisões mundiais. Alienados pela falta de cultura, muitos se acomodam, mesmo diante de sua própria miséria e não contribuem para a inquietante tentativa de melhorar os níveis de vida. (11), dão margem para governos ausentes e cada vez mais “mínimos”. Torna-se evidente, (12), que a cultura é fator fundamental para a diferenciação do indivíduo e, (13), para sua inclusão na sociedade ativa. (14) induz relações e cria meios racionais de mudanças. Cabe ao Estado prover educação a sua população. (15), a cultura é essencialmente uma vontade pessoal, o que faz dos Governos meros estimuladores do ímpeto de cada indivíduo.

3) Preencha as lacunas com os conectivos adequados e pontue quando necessário:

- a)** Telefonou-me várias vezes não conseguiu comunicar-se comigo eu estava fora de férias.
- b)** me tivesse telefonado várias vezes, não conseguiu comunicar-se comigo eu estava fora de férias.
- c)** Ele estudou com afinco ao verificar que tinha sido reprovado, ficou muito abalado.
- d)** Não foram publicados os proclamas não podem se casar.
- e)** Estava muito preocupado não podia prestar atenção ao que ele dizia.
- f)** Ele é muito estudioso tira sempre boas notas.
- g)** Os jovens são inexperientes mas ousados os velhos, por terem mais experiência, são mais cometidos.
- h)** Em virtude das más condições da vida rural, os campos se despovoam as cidades se congestionam cada vez mais.
- i)** Aceito sua decisão não me pareça justa.
- j)** não me cumprimentou, acredito que não me tenha visto esteja zangado comigo.
- k)** o tempo passava, mais aflitos ficávamos.
- l)** ninguém se dispõe a fazer o trabalho, faço-o eu.
- m)** É aluno excelente um pouco indisciplinado.

4) Os parágrafos abaixo, embora bem escritos, parecem autônomos demais entre si. Para resolver esse problema, você deve elaborar “ganchos” afim de uni-los.

O consumo de drogas tem forte componente psicológico. De fato, a subjetividade se manifesta na busca pelo proibido e na fuga aos problemas cotidianos. Em ambos os casos, o indivíduo abre mão de sua possível resistência e cede ao impulso de uma falsa solução.

Não se pode dissociar o uso de entorpecentes dos princípios que norteiam as pessoas. Nessa perspectiva, a ausência da família e a educação formal deficiente acabam por produzir conseqüências perversas. Sem estrutura ou referência, o potencial usuário não mede suas ações.

Coesão e coerência

O texto é um conjunto harmônico de elementos, associados entre si por processos de coordenação ou subordinação. Os fonemas (sons da fala), representados graficamente pelas letras, se unem constituindo as palavras. Estas, por sua vez, ligam-se para formar as orações, que passam a se agrupar constituindo os períodos. A reunião de períodos dá origem aos parágrafos. Estes também se unem, e temos então o conjunto final, que é o texto.

No meio de tudo isso, há certos elementos que permitem que o texto seja inteligível, com suas partes devidamente relacionadas. Se a ligação entre as partes do texto não for bem feita, o sentido lógico será prejudicado. Observe atentamente o trecho seguinte.

Levantamos muito cedo. Fazia frio e a água havia congelado nas torneiras. Até os animais, acostumados com baixas temperaturas, permaneciam, preguiçosamente, em suas tocas. Apesar disso, deixamos de fazer nossa caminhada matinal com as crianças.

O trecho é composto por vários períodos, agrupados em dois segmentos distintos. No primeiro, fala-se do frio intenso e suas conseqüências; no segundo, a decisão de não fazer a caminhada matinal. O que aparece para fazer a ligação entre esses dois segmentos? A locução **apesar disso**. Ora, esse termo tem valor concessivo, liga duas coisas contraditórias, opostas; mas o que segue a ele é uma conseqüência do frio que fazia naquela manhã. Dessa forma, no lugar de **apesar disso**, deveríamos usar **por isso, por causa disso, em virtude disso** etc.

Conclui-se o seguinte: as partes do texto não estavam devidamente ligadas. Diz-se então que faltou coesão textual.

Conseqüentemente, o trecho ficou sem coerência, isto é, sem sentido lógico.

Resumindo, podemos dizer que a coesão é a ligação, a união entre partes de um texto; coerência é o sentido lógico, o nexos.

1) Elementos conectores

É extremamente importante, para que se penetre no texto, uma noção segura dos recursos de que a língua dispõe para estabelecer a coesão textual. Aliás, esse termo é ainda mais amplo: qualquer vínculo estabelecido entre as palavras, as orações, os períodos ou os parágrafos podemos chamar de coesão. Toda palavra ou expressão que se refere a coisas passadas no texto, ou mesmo às que ainda virão, são elementos conectores. Os termos a que eles se referem podem ser chamados de referentes. Muita atenção, pois, com os conectores. Eis os mais importantes:

1) *Pronomes pessoais, retos ou oblíquos*

Ex.: *Meu filho está na escola. **Ele** tem uma prova hoje.*

Ele = meu filho (referente)

*Carlos trouxe o memorando e **o** entregou ao chefe.*

O = memorando (referente)

2) *Pronomes possessivos*

Ex.: *Pedro, chegou a **sua** maior oportunidade.*

Sua = Pedro (de Pedro)

3) *Pronomes demonstrativos*

Os demonstrativos estão entre os mais importantes conectores da língua portuguesa. Frequentemente se criam questões de interpretação ou compreensão com base em seu emprego. Veja os casos seguintes.

a) *O filho está demorando, e **isso** preocupa a mãe.*

Isso = O filho está demorando.

b) ***Isto** preocupa a mãe: o filho está demorando.*

Isto = o filho está demorando.

Parecidos, não é mesmo? A diferença é que **isso** (esse, esses, essa, essas) é usado para fazer referência a coisas ou fatos passados no texto. **Isto** (este, estes, esta, estas) refere-se a coisas ou fatos que ainda aparecerão. Embora se faça uma certa confusão hoje em dia, o seu emprego adequado é exatamente o que acabamos de expor.

c) *O homem e a mulher estavam sorrindo. **Aquele** porque foi promovido; **esta** por ter recebido um presente.*

Aquele = homem

esta = mulher

Temos aqui uma situação especial de coesão: evitar a repetição de termos por meio do emprego de este (estes, esta, estas) e aquele (aqueles, aquela, aquelas). Não se usa, aqui, o pronome esse (esses, essa, essas). Com relação ao exemplo, a palavra **aquele** refere-se ao termo mais afastado (homem), enquanto esta, ao mais próximo (mulher). Semelhante correlação também pode ser feita com numerais (primeiro e segundo) ou com pronomes indefinidos (um e outro).

4) Pronomes indefinidos

Ex.: *Naquela época, os homens, as mulheres, as crianças, **todos** acreditavam na vitória.*

todos = homens, mulheres, crianças

5) Pronomes relativos

Ex.: *Havia ali pessoas **que** me ajudavam.*

que = pessoas

No caso do pronome relativo, o seu referente costuma ser chamado de antecedente.

6) Pronomes interrogativos

Ex.: ***Quem** será responsabilizado? O rapaz do almoxarifado, por não ter conferido os materiais.*

Quem = rapaz do almoxarifado

7) Substantivos

Ex.: *José e Helena chegaram de férias. Crianças ainda, não entendem o que aconteceu com o professor.*

Crianças = José e Helena

8) Advérbios

Ex.: *A faculdade ensinou-o a viver. Lá se tornou um homem.*

Lá = faculdade

9) Preposições

As preposições ligam palavras dentro de uma mesma oração. Em casos excepcionais, ligam duas orações. Elas não possuem referentes no texto, simplesmente estabelecem vínculos.

Ex.: *Preciso de ajuda.*

Morreu de frio.

Nas duas frases, a preposição liga um verbo a um substantivo. Na primeira, em que introduz um objeto indireto (complemento verbal com preposição exigida pelo verbo), ela é destituída de significado. Diz-se que tem apenas valor relacional. Na segunda, em que introduz um adjunto adverbial, ela possui valor semântico ou nocional, uma vez que a expressão que ela inicia tem um valor de causa. Veja, a seguir, os principais valores semânticos das preposições.

• De causa

Ex.: *Perdemos tudo **com** a seca.*

• De matéria

Ex.: *Trouxe copos **de** papel.*

• De assunto

Ex.: *Falavam **de** política.*

• De fim ou finalidade

Ex.: *Vivia **para** o estudo.*

• De meio

Ex.: *Falaram **por** telefone.*

• De instrumento

Ex.: *Feriu-se **com** a tesoura.*

• De condição

10) Conjunções e locuções conjuntivas

Conjunção é a palavra que liga duas orações ou, em poucos casos, dois elementos de mesma natureza. Pode-se entender também como a palavra que introduz uma oração, que pode ser coordenada ou subordinada. Não vai nos interessar aqui essa distinção. Se desejar, consulte o nosso livro Português para Concursos.

É sumamente importante para a interpretação e a compreensão de textos o conhecimento das conjunções e locuções correspondentes.

Chamaremos a todas, simplesmente, conjunções.

Da mesma forma que as preposições, as conjunções não têm referentes propriamente ditos. Cumpre reconhecer o valor de cada uma, para que se entenda o sentido das orações em português e, conseqüentemente, do texto em que elas aparecem.

Conjunções coordenativas

São as que iniciam orações coordenadas. Podem ser:

1) **Aditivas**: estabelecem uma adição, somam coisas ou orações de mesmo valor.

Principais conjunções: e, nem, mas também, como também, senão também, como, bem como, quanto.

Ex.: *Fechou a porta **e** foi tomar café.*

*Não trabalha **nem** estuda.*

Tanto lê como escreve.

*Não só pintava, **mas também** fazia versos.*

*Não somente lavou, **como também** escovou os cães.*

2) **Adversativas**: estabelecem idéias opostas, contrastantes.

Principais conjunções: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, senão, que.

Ex.: *Correu muito, **mas** não se cansou.*

*As árvores cresceram, **porém** não estão bonitas.*

*Falou alto, **todavia** ninguém escutou.*

*Chegamos com os alimentos, **no entanto** não estavam com fome.*

*Não o culpo, **senão** a você.*

*Peça isso a outra pessoa, **que** não a mim.*

Observações

a) Em todas as frases há idéia de oposição. Se a pessoa corre muito, deve ficar cansada. A palavra **mas** introduz uma oração que contraria isso. O mesmo ocorre com as outras conjunções e suas respectivas orações.

b) Às vezes, a palavra e, normalmente aditiva, assume valor adversativo.

Ex.: *Fiz muito esforço e nada consegui, (**mas** nada consegui)*

3) **Conclusivas**: estabelecem conclusões a partir do que foi dito inicialmente.

Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, pois (colocada depois do verbo), por isso, então, assim, em vista disso.

Ex.: *Chegou muito cedo, **logo** não perdeu o início do espetáculo.*

*Todos foram avisados, **portanto** não procedem as reclamações.*

*É bastante cuidadoso; conseqüe, **pois**, bons resultados.*

*Estava desanimado, **por conseguinte** deixou a empresa.*

*É trabalhador, **então** só pode ser honesto.*

4) **Alternativas**: ligam idéias que se alternam ou mesmo se excluem.

Principais conjunções: ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer.

Ex.: *Faça sua parte, **ou** procure outro emprego.*

Ora narrava, **ora** comentava.

“Já atravessa as florestas, já chega aos campos do Ipu.” (José de Alencar)

5) **Explicativas**: explicam ou justificam o que se diz na primeira oração.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto.

Ex.: *Chorou muito, **porque** os olhos estão inchados.*

*Choveu durante a madrugada, **pois** o chão está alagado.*

*Volte logo, **que** vai chover.*

*Era uma criança estudiosa, **porquanto** sempre tirava boas notas.*

Observações

a) Essas conjunções também podem iniciar orações subordinadas causais, como veremos adiante.

b) Depois de imperativo, elas só podem ser coordenativas explicativas, como no terceiro exemplo.

Conjunções subordinativas

São as que iniciam as orações subordinadas. Podem ser:

1) **Causais**: iniciam orações que indicam a causa do que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: porque, pois, que, porquanto, já que, uma vez que, como, visto que, visto como.

Ex.: *O gato miou **porque** pisei seu rabo.*

*Estava feliz **pois** encontrou a bola.*

*Triste **que** estava, não quis passear.*

*Já **que** me pediram, vou continuar.*

*Visto **que** vai chover, sairemos agora mesmo.*

Como fazia frio, pegou o agasalho.

2) **Condicionais**: introduzem orações que estabelecem uma condição para que ocorra o que está expresso na oração principal.

Principais conjunções: se, caso, desde que, a menos que, salvo se, sem que, contanto que, dado que, uma vez que.

Ex.: *Explicarei a situação, **se** isso for importante para todos.*

***Caso** me solicitem, escreverei uma nova carta.*

*Você será aprovado, **desde que** se esforce mais.*

***Sem que** digas a verdade, não poderemos prosseguir.*

***Contanto que** todos participem da reunião, os projetos serão apresentados.*

***Uma vez que** ele tente, poderá alcançar o objetivo.*

3) **Concessivas**: começam orações com valor de concessão, isto é, idéia contrária à da oração principal. Cuidado especial com essas conjunções! Elas são bastante cobradas em questões de provas.

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que, apesar de que, sem que, que, nem que.

Ex.: ***Embora** gritasse, não foi atendido.*

*Perderia a condução **mesmo que** acordasse cedo.*

***Conquanto** estivesse com dores, esperou pacientemente.*

***Posto que** me tenham convidado com insistência, não quis participar.*

***Por mais que** tentem explicar, o caso continua confuso.*

***Sem que** tenha grandes virtudes, é adorado por todos.*

*Doente **que** estivesse, participaria da maratona.*

*Fale, **nem que** seja por um minuto apenas.*

4) **Comparativas**: introduzem orações com valor de comparação.

Principais conjunções: como, (do) que, qual, **quanto**, feito, que nem.

Ex.: *Ele sempre foi ágil **como** o pai.*

*Maria estuda mais **que** a irmã. (ou do que)*

*Nada o entristecia tanto **quanto** o sofrimento de seu povo.*

*Estava parado **feito** uma estátua.*

*Rastejávamos **que nem** serpentes.*

*Ele agiu tal **qual** eu lhe pedira.*

Observações

a) Geralmente o verbo da oração comparativa é o mesmo da principal e fica subentendido. É o que ocorre nos cinco primeiros exemplos.

b) As conjunções **feito** e **que nem** são de emprego coloquial.

5) **Conformativas**: principiam orações com valor de acordo em relação à principal.

Principais conjunções: conforme, segundo, consoante, como.

Ex.: *Fiz tudo **conforme** me solicitaram.*

***Segundo** nos contaram, o jogo foi anulado.*

*Pedro tomou uma decisão **consoante** determinava a sua consciência.*

*Carlos é inteligente **como** os pais sempre afirmaram.*

6) **Consecutivas**: iniciam orações com valor de conseqüência.

Principais conjunções: que (depois de tão, tal, tanto, tamanho, claros ou ocultos), de sorte que, de maneira que, de modo que, de forma que.

Ex.: *Falou tão alto **que** acordou o vizinho.*

*Gritava **que** era uma barbaridade. (Gritava tanto...)*

*Eu lhe expliquei tudo, **de modo que** não há motivos para discussão.*

7) **Proporcionais**: começam orações que estabelecem uma proporção.

Principais conjunções: à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto (em correlações do tipo quanto mais...mais, quanto menos...menos, quanto mais...menos, quanto menos...mais, quanto maior...maior, quanto menor...menor).

Ex.: *Seremos todos felizes **à proporção que** amarmos.*

***À medida que** o tempo passava, crescia a nossa expectativa.*

*O ar se tornava rarefeito **ao passo que** subíamos a montanha.*

***Quanto** mais nos preocuparmos, mais ficaremos nervosos.*

***Quanto** menos estudamos, menos progredimos.*

***Quanto** maior for o preparo, maior será a oportunidade.*

8) **Finais**: introduzem orações com valor de finalidade.

Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque.

Ex.: Fechou a porta **para que** os animais não entrassem.
Trarei minhas anotações **a fim de que** você me ajude.
Faço votos **que** seja feliz. (= para que)
Esforcei-me **porque** tudo desse certo. (= para que)

9) **Temporais**: introduzem orações com valor de tempo.

Principais conjunções: quando, assim que, logo que, antes que, depois que, mal, apenas, que, desde que, enquanto.

Ex.: Cheguei **quando** eles estavam saindo.

Assim que anoiteceu, fomos para casa.

Sentiu-se aliviado **depois que** tomou o remédio.

Mal a casa foi reformada, a família se mudou.

Hoje, **que** não tenho tempo, chegaram as propostas.

Estávamos lá **desde que** ele começou a lecionar.

Enquanto o filho estudava, a mãe fazia comida.

10) **Integrantes**: são as únicas desprovidas de valor semântico; iniciam orações que completam o sentido da outra; tais orações são chamadas de subordinadas substantivas.

São apenas duas: que e se

Ex.: É bom **que** o problema seja logo resolvido..

Veja **se** ele já chegou.

Obs.:As palavras **que** e **se**, nos exemplos acima, iniciam orações que funcionam, respectivamente, como sujeito e objeto direto da oração principal.

Observações finais

a) **Apesar de** e **em que pese a** são locuções prepositivas com valor de concessão. Ligam palavras dentro de uma mesma oração ou introduzem orações reduzidas de infinitivo.

Ex.: **Apesar do** aviso de perigo, ele resolveu escalar a montanha.

Apesar de ventar muito, fomos para a pracinha.

Em **que pese a** vários pedidos do gerente, o caixa não fez serão.

Em **que pese a** ter treinado bem, foi colocado na reserva.

b) Algumas conjunções coordenativas às vezes ligam palavras dentro de uma mesma oração.

Ex. Carlos **e** Rodrigo são irmãos.

Não encontrei Sérgio **nem** Regina.

Comprarei uma casa **ou** um apartamento.

Casos especiais

Você deve ter percebido que algumas conjunções têm valores semânticos diversos. Vamos destacar algumas abaixo. A classificação de suas orações depende disso, porém **o mais importante é o sentido da frase.**

Mas

a) Coordenativa adversativa

Ex.: Pediu, **mas** ninguém atendeu.

b) Coordenativa aditiva (seguida de **também**; equivale a **como**)

Ex.: Não só dá aulas, **mas** também escreve. (= Dá aulas e escreve)

a) Coordenativa aditiva

Ex.: Voltou **e** brincou com o cachorro.

b) Coordenativa adversativa

Ex.: Leu o livro, **e** não entendeu nada. (= mas)

Pois

a) Coordenativa conclusiva

Ex.: Trabalhou a tarde inteira; estava, **pois**, esgotado. (= portanto)

b) Coordenativa explicativa

Ex.: Traga o jornal, **pois** eu quero ler.

c) Subordinativa causal

Ex.: A planta secou **pois** não foi regada.

Como

a) Coordenativa aditiva

Ex.: Tanto ria **como** chorava. (= Ria e chorava)

b) Subordinativa causal

Ex.: **Como** passou mal, desistiu do passeio. (= Porque)

c) Subordinativa comparativa

Ex.: Era alto **como** um poste. (= que nem)

d) Subordinativa conformativa

Ex.: Alterei a programação, **como** o chefe determinara. (= conforme)

Porque

a) Coordenativa explicativa

Ex.: Não faça perguntas, **porque** ele ficará zangado.

b) Subordinativa causal

Ex.: As frutas caíram **porque** estavam maduras.

c) Subordinativa final

Ex.: **Porque** meu filho fosse feliz, fui para outra cidade. (= para que)

Uma vez que

a) Subordinativa causal

Ex.: *Fiz aquela declaração **uma vez que** estava sendo pressionado.* (= porque)

b) Subordinativa condicional

Ex.: **Uma vez que** mude de hábitos, poderá ser aceito no grupo. (= Se mudar de hábitos)

Se

a) Subordinativa condicional

Ex.: **Se** forem discretos, agradecerão a todos. (= Caso sejam discretos)

b) Subordinativa integrante

Ex.: *Diga-me **se** está na hora.*

Desde que

a) Subordinativa condicional

Ex.: **Desde que** digam a verdade, não haverá problemas.

b) Subordinativa temporal

Ex.: *Conheço aquela jovem **desde que** ela era um bebê.*

Sem que

a) Subordinativa condicional

Ex.: *Não será possível o acordo, **sem que** haja um debate equilibrado.* (= se não houver...)

b) Subordinativa concessiva

Ex.: **Sem que** fizesse muito esforço, foi aprovado no concurso. (= Embora não fizesse...)

Porquanto

a) Coordenativa explicativa

Ex.: *Ele deve ter chorado, **porquanto** seus olhos estão vermelhos.*

b) Subordinativa causal

Ex.: *Ficamos animados **porquanto** houve progresso no*

tratamento.

Quanto

a) Coordenativa aditiva

Ex.: *Eles tanto criticam **quanto** incentivam.* (= Eles criticam e incentivam)

b) Subordinativa comparativa

Ex.: *Ele se preocupa tanto **quanto** o médico.*

Que

a) Coordenativa adversativa

Ex.: *Diga tal coisa a outro, **que** não a ele.* (= mas não a ele)

b) Coordenativa explicativa

Ex.: *Faça as anotações, **que** você estudará melhor.*

c) Subordinativa causal

Ex.: *Nervoso **que** se encontrava, não conseguiu assinar o documento.*

d) Subordinativa concessiva

Ex.: *Sujo **que** estivesse, deitaria na poltrona.* (= embora)

e) Subordinativa comparativa

Ex.: *É mais trabalhador **que** o tio.*

f) Subordinativa consecutiva

Ex.: *Era tal seu medo **que** fugiu.*

g) Subordinativa final

Ex.: *Ele me fez um sinal **que** eu não dissesse nada.* (= para que)

h) Subordinativa temporal

Ex.: *Agora, **que** já tomaste o remédio, sairemos.* (= quando)

i) Subordinativa integrante

Ex.: *Queria **que** todos fossem felizes*

CAPÍTULO 7

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Veremos, neste capítulo, coisas importantes sobre a significação de palavras e expressões, que podem influir, direta ou indiretamente, na interpretação de um texto. Trata-se, em verdade, da semântica, à qual podemos somar a denotação e a conotação, vistas em outra parte da obra.

I) Campos semânticos

As palavras podem associar-se de várias maneiras. Quando se relacionam pelo sentido, temos um campo semântico. Não se trata de sinônimos ou antônimos, mas de aproximação de sentido num dado contexto.

Ex.: *perna, braço, cabeça, olhos, cabelos, nariz -> partes do corpo humano*

azul, verde, amarelo, cinza, marrom, lilás - cores

martelo, serrote, alicate, torno, enxada -> ferramentas

batata, abóbora, aipim, berinjela, beterraba -> legumes

Observações

a) Também constituem campos semânticos palavras como flor, jardim, perfume, terra, espinho, embora não pertençam a um grupo delimitado; mas a associação entre elas é evidente.

b) As palavras podem pertencer a campos semânticos diferentes. Veja o caso de **abóbora**, citada há pouco. Ela também serve para indicar cor, o que a colocaria no segundo grupo de palavras.

II) Polissemia

É a capacidade que as palavras têm de assumir significados variados de acordo com o contexto. Não se trata de homonímia, que estudaremos adiante.

Ex.: *Ele anda muito. Mário anda doente. Aquele executivo só anda de avião. Meu relógio não anda mais.*

O verbo **andar** tem origem no latim *ambulare*. Possui inúmeros significados em português, dos quais destacamos apenas quatro. Trata-se, pois, de uma mesma palavra, de uso diverso na língua. Nas frases do exemplo, significa, respectivamente, caminhar, estar, viajar e funcionar.

III) Sinonímia

Outro item de suma importância para a interpretação de textos. Há sinonímia quando duas ou mais palavras têm o mesmo significado em determinado contexto. Diz-se, então, que são sinônimos.

Ex.: *O comprimento da sala é de oito metros.*

A extensão da sala é de oito metros.

A substituição de **comprimento** por **extensão** não altera o sentido da frase, pois os termos são sinônimos.

Em verdade, as palavras são sinônimas em certas situações, mas podem não ser em outras. É a riqueza da língua portuguesa falando mais alto. Pode-se dizer, em princípio, que face e rosto são dois sinônimos: ela tem um belo rosto, ela tem uma bela face. Mas não se consegue fazer a troca de face por rosto numa frase do tipo: em face do exposto, aceitarei.

IV) Antonímia

Requer os mesmos cuidados da sinonímia. Na realidade, tudo é uma questão de bom vocabulário. Antonímia é o emprego de palavras de sentido contrário, oposto.

Ex.: *É um menino corajoso.*

É um menino medroso.

V) Homonímia

Diz-se que há homonímia quando duas ou mais palavras possuem identidade de pronúncia (homônimos homófonos) ou de grafia (homônimos homógrafos). Em alguns casos, as palavras possuem iguais a pronúncia e a grafia (homônimos perfeitos). A classificação em si não é importante, mas sim o significado das palavras.

Ex.: *ceda - seda -> homônimos homófonos*

peso (A) -> peso (ê) -> homônimos homógrafos

pena - pena -> homônimos perfeitos (ou homófonos e homógrafos)

Homônimos homófonos mais importantes

acender - pôr fogo a	ascender - elevar-se
acento - inflexão da voz	assento - objeto onde se senta
asado - com asas	azado – oportuno
caçar - perseguir	cassar – anular
cegar - tirar a visão	segar - ceifar, cortar
cela - cômodo pequeno	sela – arreio
censo - recenseamento	senso – juízo
cerração - nevoeiro	serração - ato de serrar
cheque - ordem de pagamento	xequê - lance do jogo de xadrez
cidra - certa fruta	sidra - um tipo de bebida
conserto - reparo	concerto – harmonia
estático - firme, parado	extático - em êxtase
espiar - olhar	expiar – sofrer
estrato - camada; tipo de nuvem	extrato - que se extraiu
passo - passada	paço - palácio imperial
incerto - duvidoso	inserto – inserido
incipiente - que está no início	insipiente - que não sabe
lasso - cansado	laço - tipo de nó
remissão - perdão	remição - resgate
seda - tipo de tecido	ceda - flexão do verbo ceder
taxa - imposto	tacha - tipo de prego
viagem - jornada	viajem - flexão do verbo viajar

VI) Paronímia

Emprego de parônimos, palavras muito parecidas e que confundem as pessoas.

Ex.: *O tráfego era intenso naquela estrada.*

O tráfico de escravos é uma nódoa em nossa história.

As palavras **tráfego** e **tráfico** são parecidas, mas não se trata de homônimos, pois a pronúncia e a grafia são diferentes. Tráfego é movimento de veículo; tráfico, comércio.

Parônimos mais importantes

amoral - sem o senso da moral	imoral - contrário à moral
apóstrofe - chamamento	apóstrofo - tipo de sinal gráfico
arrear - pôr arreios	arriar – abaixar
astral - dos astros	austral - que fica no sul
cavaleiro - que anda a cavalo	cavalheiro – gentil
comprimento - extensão	cumprimento – saudação
conjetura - hipótese	conjuntura – situação
delatar - denunciar	dilatar – alargar
descrição - ato de descrever	discrição - qualidade de discreto
discriminar - inocentar	discriminar – separar
despercebido - sem ser notado	desapercebido – desprevenido
destratar - insultar	distratar – desfazer
docente - professor	discente – estudante
emergir - vir à tona, sair	imersir – mergulhar
emigrar - sair de um país	imigrar - entrar em um país
eminente - importante	iminente - que está para ocorrer
esbaforido - ofegante	espavorido – apavorado
estada - permanência de alguém	estadia - permanência de veículo
facundo – eloqüente	fecundo - fértil; criador
flagrante - evidente	fragrante - aromático
fluir - correr; manar	fruir -desfrutar
inerte - desarmado	inerte - parado
inflação - desvalorização	infração - transgressão
infligir - aplicar pena	infringir - transgredir
intemerato - puro	intimorato - corajoso
lactante - que amamenta	lactente - que mama
lista - relação	listra - linha, risco
locador - proprietário	locatário - inquilino
lustre - candelabro	lustro - cinco anos; brilho
mandado - ordem judicial	mandato - procuração
pleito - disputa	preito - homenagem
preeminente - nobre, distinto	proeminente - saliente
prescrever - receitar; expirar (prazo)	proscrever - afastar, desterrar
ratificar - confirmar	retificar - corrigir
sortir - abastecer	surtir - resultar
sustar - suspender	suster - sustentar
tráfego - movimento de veículo	tráfico - comércio
usuário - aquele que	usa usurário - avarento; agiota
vultoso - grande	vultuoso - vermelho e inchado

VII) Palavras e expressões latinas

Em português, frequentemente aparecem termos emprestados do latim, e isso pode dificultar o entendimento do texto.

Veja os mais importantes.

ad hoc - para isso

ad referendum - sujeito à aprovação

a priori - antes de qualquer argumento

a posteriori - após argumentação

apud - junto de

curriculum vitae - correr de vida, conjunto de informações pessoais

errata - especificação dos erros de impressão

et alii - e outros

ex consensu - com o consentimento

ex officio - por obrigação de lei, por dever do cargo

habeas-corpus - liberdade de locomoção ,

honoris causa - por motivo de honra

ibidem - no mesmo lugar

idem - igualmente, também

ipsis litteris - pelas mesmas letras, textualmente”

lato sensu - em sentido amplo

opus - obra musical classificada e numerada

pro labore - pagamento por serviço prestado

sine qua non - indispensável

sub judice - sob apreciação judicial

sui generis - peculiar, sem igual

stricto sensu - em sentido restrito

VIII) Hiperônimos / hipônimos

- Laranja: fruta

- Futebol: esporte

- Inveja: sentimento

- Problema: situação

- Democracia: sistema

IX) Termos-síntese

- Miséria, fome, pobreza: problemas

- Reduzir a carga tributária, aprovar a reforma política, investir em educação. Muitas medidas podem melhorar a situação do país.

CAPÍTULO 8

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO. FIGURAS

I) Denotação

Consultando o dicionário Houaiss, encontramos para a palavra **jóia** as seguintes definições:

1 objeto de metal precioso finamente trabalhado, em que muitas vezes se engastam pedras preciosas, pérolas etc. ou a que é aplicado esmalte, us. como acessório de vestuário, adorno de cabeça, pescoço, orelhas, braços, dedos etc.

2 Pedra preciosa de grande valor.

3 p. ext. qualquer objeto caro e trabalhado com arte (estatueta, relógio, cofre, vaso etc).

As definições são claras, precisas. Todas giram em torno de um objeto de valor. A partir dessas definições, podemos criar frases com muita segurança.

Ex.: *Essa jóia em seu pescoço está há várias gerações em nossa família.*

O rubi é uma jóia que encanta meus olhos.

Aquele vaso, provavelmente chinês, é uma jóia de raro acabamento.

A palavra **jóia**, presente nas três frases citadas, foi empregada em seus sentidos reais, primitivos. A isso se dá o nome de **denotação**.

II) Conotação

Voltando ao dicionário citado, encontramos na seqüência da leitura o seguinte:

4 fig. pessoa ou coisa muito boa e querida (sua sobrinha é uma jóia).

O próprio dicionarista nos dá um exemplo. Vejamos outras frases abaixo.

Ela é uma jóia de menina.

Que jóia esse cachorrinho!

Minha irmã se tornou uma jóia muito especial.

Observe que, em todas as frases, a palavra jóia extrapolou o sentido original de objeto caro. Ela está se referindo a pessoas e animais, que, na realidade, não podem ser jóias, se levarmos em conta o sentido denotativo do termo. Há uma comparação implícita em cada frase: bonito ou bonita como uma jóia. Dizemos então que se trata de **conotação**.

Vamos comparar as duas frases abaixo:

Comi uma fruta deliciosa.

Ela escreveu uma frase deliciosa.

Na primeira, o adjetivo **deliciosa** está empregado denotativamente, pois indica o gosto agradável da fruta; trata-se do sentido real do termo. Na segunda, o adjetivo não pode ser entendido “ao pé da letra”, uma vez que frase não tem gosto, não tem sabor. É um emprego especial, estilístico da palavra **deliciosa**. Assim, ela está usada conotativamente.

Muitas vezes, as perguntas de interpretação se voltam para o emprego denotativo ou conotativo dos vocábulos. E mais: o entendimento global do texto pode depender disso. Leia-o, pois, com atenção. A leitura atenta é tudo.

III) Figuras de linguagem

As figuras constituem um recurso especial de construção, valorizando e embelezando o texto. Há questões de provas, inclusive em concursos públicos, que cobram, direta ou indiretamente, o emprego adequado da linguagem figurada. Vejamos as mais importantes, que

você não pode desconhecer. Elas não serão, aqui, agrupadas de acordo com sua natureza: de palavras, de pensamento e de sintaxe. **Não** há importância nessa distinção, para interpretarmos um texto.

1) Comparação ou simile

Consiste, como o próprio nome indica, em comparar dois seres, fazendo uso de conectivos apropriados.

Ex.: *Esse líquido é azedo como limão.*

A jovem estava branca qual uma vela.

2) Metáfora

Tipo de comparação em que não aparecem o conectivo nem o elemento comum aos seres comparados.

Ex.: *“Minha vida era um palco iluminado...” (Minha vida era alegre, bonita etc. como um palco iluminado.)*

Tuas mãos são de veludo. (Entenda-se: mãos macias como o veludo)

“A vida, manso lago azul...” (Júlio Salusse)

(Neste exemplo, nem o verbo aparece, mas é clara a idéia da comparação: a vida é suave, calma como um manso lago azul.)

3) Metonímia

Troca de uma palavra por outra, havendo entre elas uma relação real, concreta, objetiva. Há vários tipos de metonímia.

Ex.: *Sempre li Érico Veríssimo, (o autor pela obra)*

Ele nunca teve o seu próprio teto. (a parte pelo todo)

Cuidemos da infância. (o abstrato pelo concreto: infância / crianças)

Comerei mais um prato. (o continente pelo conteúdo)

Ganho a vida com meu suor. (o efeito pela causa)

4) Hipérbole

Consiste em exagerar as coisas, extrapolando a realidade.

Ex.: *Tenho milhares de coisas para fazer.*

Estava quase estourando de tanto rir.

Vive inundado de lágrimas.

5) Eufemismo

É a suavização de uma idéia desagradável. Chamado de linguagem diplomática.

Ex.: *Minha avozinha descansou. (morreu)*

Ele tem aquela doença. (câncer)

Você não foi feliz com suas palavras. (foi estúpido, grosseiro)

6) Prosopopéia ou personificação

Consiste em se atribuir a um ser inanimado ou a um animal ações próprias dos seres humanos.

Ex. *A areia chorava por causa do calor.*

As flores sorriam para ela.

7) Pleonasm

Repetição enfática de um termo ou de uma idéia.

Ex.: *O pátio, ninguém pensou em lavá-lo. (lo = O pátio)*

Vi o acidente com olhos bem atentos. (Ver só pode ser com os olhos.)

8) Anacoluto

É a quebra da estruturação sintática, de que resulta ficar um termo sem função sintática no período. É parecido com um dos tipos de pleonasm.

Ex.: *O jovem, alguém precisa falar com ele.*

Observe que o termo **O jovem** pode ser retirado do texto. Ele não se encaixa sintaticamente no período. Caso disséssemos **Com o jovem**, teríamos um pleonasm: com o jovem = com ele.

9) Antítese

Emprego de palavras ou expressões de sentido oposto.

Ex.: *Era cedo para alguns e tarde para outros.*

“Não és bom, nem és mau: és triste e humano.” (Olavo Bilac)

10) Sinestesia

Consiste numa fusão de sentidos.

Ex.: *Despertou-me um som colorido. (audição e visão)*

Era uma beleza fria. (visão e tato)

11) Catacrese

É a extensão de sentido que sofrem determinadas palavras na falta ou desconhecimento do termo apropriado. Essa extensão ocorre com base na analogia. Por isso, ela é uma variação da metáfora.

Ex.: *Leito do rio. Dente de alho. Barriga da perna. Céu da boca.*

Curiosas são as catacrezes constituídas por verbos: embarcar num trem, enterrar uma agulha no dedo etc. Embarcar é entrar no barco, não no trem; enterrar é entrar na terra, não no dedo.

12) Hipálage

Adjetivação de um termo em vez de outro.

Ex.: *O nado branco dos cisnes o fascinou, (brancos são os cisnes)
Acompanhava o vôo negro dos urubus, (negros são os urubus)*

13) Quiasmo

Ao mesmo tempo repetição e inversão de termos, podendo haver algumas alterações.

Ex.: *“No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho” (C. D. Andrade)*

“Vinhas fatigada e triste, e triste e fatigado eu vinha.” (Olavo Bilac)

14) Silepse

Concordância anormal feita com a idéia que se faz do termo e não com o próprio termo.

Pode ser:

a) de gênero

Ex.: *V Sa é bondoso.*

A concordância normal seria **bondosa**, já que **V. Sa** é do gênero feminino. Fez-se a concordância com a idéia que se possui, ou seja, trata-se de um homem.

b) de número

Ex.: *O grupo chegou apressado e conversavam em voz alta.*

O segundo verbo do período deveria concordar com **grupo**.

Mas a idéia de plural contida no coletivo leva o falante a botar o verbo no plural: conversavam. Tal concordância anormal não deve ser feita com o primeiro verbo.

c) de pessoa.

Ex.: *Os brasileiros somos otimistas.*

Em princípio, dir-se-ia *são*, pois o sujeito é de terceira pessoa do plural. Mas, por estar incluído entre os brasileiros, é possível colocar o verbo na primeira pessoa: *somos*.

15) Perífrase

Emprego de várias palavras no lugar de poucas ou de uma só.

Ex.: *“Se lá no assento etéreo onde subiste...” (Camões)*

assento etéreo = céu.

Morei na Veneza brasileira.

Veneza brasileira = Recife

Não provoque o rei dos animais.

rei dos animais = leão.

Obs.: Questões que envolvem perífrase pedem, freqüentemente, conhecimento independente do texto.

16) Assíndeto

Ausência de conectivo. É um tipo especial de elipse, que é a omissão de qualquer termo.

Ex.: *Entreí, peguei o livro, fui para a rede.*

Ligando as duas últimas orações, deveria aparecer a conjunção *e*.

17) Polissíndeto

Repetição da conjunção, geralmente *e*.

Ex.: *“Trejeita, e canta, e ri nervosamente.” (Padre Antônio Tomás)*

“E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta.” (Olavo Bilac)

18) Zeugma

Omissão de um termo, geralmente verbo, empregado anteriormente. Variação da elipse.

Ex.: *“A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão.” (Tomás Ribeiro)*

“São estas as tradições das nossas linhagens; estes os exemplos de nossos avós.” (Herculano)

Obs.: Na primeira frase, está subentendida a forma verbal **legisla**; na segunda, são.

19) Apóstrofe

Chamamento, invocação de alguém ou algo, presente ou ausente. Corresponde ao vocativo da análise sintática.

Ex.: *"Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?!"* (Castro Alves)

"Erguei-vos, menestréis, das púrpuras do leite!" (Guerra Junqueiro)

20) Ironia

Consiste em dizer-se o contrário do que se quer. É figura muito importante para a interpretação de textos.

Ex.: *"Moça linda bem tratada, três séculos de família, burra como uma porta, um amor."* (Mário de Andrade)

Observe que, após chamar a moça de burra, o poeta encerra a estrofe com um **aparente** elogio: um amor.

21) Hipérbato

É a inversão da ordem dos termos na oração ou das orações no período.

Ex.: *"Aberta em par estava a porta."* (Almeida Garrett)

"Essas que ao vento vêm

Belas chuvas de junho!" (Joaquim Cardozo)

22) Anástrofe

Variante do hipérbato. Consiste em se inverter a ordem natural existente entre o termo determinado (principal) e o determinante (acessório).

Ex.: *Sentimos do vento a carícia.*

Determinado: a carícia

Determinante: do vento

Obs.: Nem sempre é simples a distinção entre hipérbato e anástrofe. Há certa discordância entre os especialistas do assunto.

23) Onomatopéia

Palavra que imita sons da natureza.

Ex.: *O ribombar dos canhões nos assustava.*

Não agüentava mais aquele tique-taque insistente.

"Não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano." (Machado de Assis)

24) Aliteração

Repetição de fonemas consonantais.

Ex.: *Nem toda tarefa é tão tranqüila.*

"Ruem por terra as emperradas portas." (Bocage)

"Os teus grilhões estrídulos estalam." (Raimundo Correia)

Obs.: Nos dois últimos exemplos, as aliterações procuram reproduzir, sons naturais, constituindo-se também em onomatopéias.

25) Enálage

Troca de tempos verbais.

Ex.: *Se você viesse, ganhava minha vida mais entusiasmo,*

Agora que murcharam teus loureiros

Fora doce em teu seio amar de novo." (Álvares de Azevedo)

Obs.: Na primeira frase, **ganhava** está no lugar de **ganharia**; na segunda, **fora** substitui **seria**.

CAPÍTULO 3.

ORTOGRAFIA, ORTOEPIA E PROSÓDIA

A ORTOGRAFIA

A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a frequência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário. Trata-se de um processo constante, que produz resultados a longo prazo." (Pasquale Cipro Neto & Ulisses Infante, Gramática da Língua Portuguesa)

Orientações Gerais

1) Devemos empregar "ss" em todos os substantivos derivados de verbos terminados em "gredir", "mitir", "ceder" e "cutir".

Exemplos:

AGREDIR / AGRESSÃO	ACEDER / ACESSO
PROGREDIR / PROGRESSÃO	CEDER / CESSÃO
REGREDIR / REGRESSÃO	CONCEDER / CONCESSÃO
TRANSGREDIR / TRANSGRESSÃO	EXCEDER / EXCESSO, EXCESSIVO
ADMITIR / ADMISSÃO	SUCEDER / SUCESSÃO
DEMITIR / DEMISSÃO	DISCUTIR / DISCUSSÃO
OMITIR / OMISSÃO	PERCUTIR / PERCUSSÃO
PERMITIR / PERMISSÃO	REPERCUTIR / REPERCUSSÃO
TRANSMITIR / TRANSMISSÃO	

2) Devemos empregar "s" em todos os substantivos derivados de verbos terminados em "ender", "verter" e "pelir".

Exemplos:

APREENDER / APREENSÃO	VERTER / VERSÃO
ASCENDER / ASCENSÃO	REVERTER / REVERSÃO
COMPREENDER / COMPREENSÃO	CONVERTER / CONVERSÃO
DISTENDER / DISTENSÃO	SUBVERTER / SUBVERSÃO
ESTENDER / EXTENSÃO	EXPELIR / EXPULSÃO
PRETENDER / PRETENSÃO	REPELIR / REPULSÃO
SUSPENDER / SUSPENSÃO	
TENDER / TENSÃO	

3) Devemos empregar "ç" em todos os substantivos derivados dos verbos "TER" e "TORCER", mais seus derivados.

Exemplos:

ABSTER / ABSTENÇÃO	RETER / RETENÇÃO
ATER / ATENÇÃO	TORCER / TORÇÃO
DETER / DETENÇÃO	DISTORCER / DISTORÇÃO
MANTER / MANUTENÇÃO	CONTORCER / CONTORÇÃO

Emprego do S ou do Z

EMPREGO DOS OU DO Z

1. Os sufixos "ês" e "esa" são empregados na formação de nomes que designam profissão, títulos honoríficos de posição social, assim como em palavras que indicam origem, nacionalidade.

Exemplos: burguês, camponês, marquês, português, japonês, francês, burguesa, camponesa, marquesa, princesa, portuguesa, japonesa, francesa etc.

2. São grafadas com o sufixo "isa" as palavras que indicam ocupações femininas: poetisa, profetisa, papisa, sacerdotisa, pitonisa.

3. Os sufixos "ez" e "eza" são empregados para formar nomes abstratos que derivam de adjetivos.

Exemplos:

ADJETIVOS / DERIVADOS

agudo / agudez	macio / maciez	duro / dureza
escasso / escassez	rígido / rigidez	esperto / esperteza
estúpido / estupidez	sensato / sensatez	justo / justeza
límpido / limpidez	sisudo / sisudez	nobre / nobreza
gago / gaguez	surdo / surdez	pobre / pobreza
honra / honradez	avaro / avareza	rico / riqueza
inválido / invalidez	belo / beleza	rijo / rijeza
intrépido / intrepidez	certo / certeza	singelo / singeleza

4. Com "z",

normalmente, são grafadas palavras derivadas de outras em que já existe o "z", e verbos terminados pelo sufixo "izar", em cujos radicais das palavras que lhes deram origem possuam ou não a letra z.

Exemplos: balizado (baliza), arrazoado, razoável (razão), canalizar, finalizar, industrializar, organizar, utilizar, arborizar, dinamizar, regularizar, cicatrizar (cicatriz), envernizar (verniz), enraizar (raiz), deslizar (deslize) etc.

Observação: Os verbos terminados em "isar", com "s", têm apenas como sufixo as letras "ar", pois as letras "is", neste caso, fazem parte do radical da palavra que deu origem ao verbo.

Exemplos:

análise / analisar

aviso / avisar

improviso / improvisar

pesquisa / pesquisar

EXCEÇÃO: Apesar de originar-se da palavra "catequese", que possui um "s" em seu radical, o verbo catequizar deve ser grafado com "z", pois a sílaba átona final de catequese foi suprimida para se inserir o sufixo "izar" na formação do verbo.

5. Grafam-se com "z"

as palavras derivadas com os sufixos "zada, zal, zarrão, zeiro, zinho, zito, zona, zorra, zudo". O "z", neste caso, é um infixo.

Exemplos: pazada, cafezal, canzarrão, açazeiro, papelzinho, cãozito, mãezona, mãozorra, pezudo etc.

Observação: Em palavras como "asinha, risinho, risada, casinha, caseiro, casebre", o "s" pertence ao radical dos vocábulos de origem (asa, riso, casa).

6. Também grafa-se com "s":

_ Após os ditongos;

Exemplos: lousa, coisa, causa, Neusa, ausência, Eusébio, náusea.

_ Nas formas dos verbos "pôr" (e derivados) e "querer";

Exemplos: pus, pusera, pusesse, puséssemos; repus, repusera, repusesse, repuséssemos; quis, quisera, quisesse, quiséssemos.

Emprego do C e do QU

EMPREGO DO C E DO QU

Existem palavras que podemos escrever com "c" e também com "qu".

Exemplos: catorze / quatorze cociente / quociente cota / quota cotidiano / quotidiano cotizar / quotizar

Observação: As palavras a seguir, porém, possuem uma só grafia: "cinquenta, cinqüentenário, cinqüentão, cinqüentona."

EMPREGO DO X E DO CH

Deve-se empregar o "x" após os ditongos (encontros vocálicos = vogal + semivogal em uma mesma sílaba).

Exemplos: ameixa, feixe, caixa, trouxa, frouxo, gueixa, peixe, peixada, queixo, queixada, eixo, baixo, encaixar, paixão, rebaixar etc.

EXCEÇÃO: recauchutar (mais seus derivados) e caucho (espécie de árvore que produz o látex).

Emprega-se também o x:

_ Após as sílabas "en" e "me";

Exemplos: enxada, enxurrada, enxame, enxaqueca, enxerido, enxovalho, enxugar, mexer, mexilhão, mexerico, mexerica, mexicano etc.

Observação: Palavras como "enchente, encharcar, enchiqueirar, enchapelar, enchumaçar", embora se iniciem pela sílaba "en", são grafadas com "ch", porque são palavras formadas por prefixação, ou seja, pelo prefixo en + o radical de palavras que tenham o ch (enchente, encher e seus derivados = prefixo en + radical de cheio; encharcar = en + radical de charco; enchiqueirar = en + radical de chiqueiro; enchapelar = en + radical de chapéu; enchu- maçar = en + radical de chumaço).

EXCEÇÃO: Em relação à regra da sílaba "me", uma exceção é O SUBSTANTIVO "mecha"; não confundir com a forma verbal "mexa" do verbo mexer que deve ser grafada com x.

_ Nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas.

Exemplos: xavante, xingar, xique-xique, xará, xerife, xampu.

Outras palavras com X: bexiga, bruxa, caxumba, laxativo, laxante, maxixe, paxá, muxoxo, quixotesco, rixa, xarope, xícara, xucro, xereta, capixaba, faxina, lixo, graxa, praxe, puxar, relaxar, roxo, xaxim, xenofobia.

Outras palavras com CH: charque, chiste, chicória, chimarrão, ficha, cochicho, cochichar, estrebuchar, fantoche, flecha, inchar, pechincha, pechinchar, penacho, salsicha, broche, arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, chuchu, cachimbo, comichão, chope, chute, debochar, fachada, fechar, linchar, mochila, piche, pichar, tchau.

Existem vários casos de palavras homófonas, isto é, palavras que possuem a mesma pronúncia, mas a grafia diferente. Nelas a grafia se distingue pelo contraste entre o x e o ch.

Exemplos:

- brocha (pequeno prego)

- chá (planta para preparo de bebida)

- broxa (pincel para caiação de paredes)

- xá (título do antigo soberano do Irã)

- chalé (casa campestre de estilo suíço)
- xale (cobertura para os ombros)
- chácara (propriedade rural)
- xácara (narrativa popular em versos)
- cheque (ordem de pagamento)
- xeque (jogada do xadrez)

- cocho (vasilha para alimentar animais)
- coxo (capenga, imperfeito)
- tacha (mancha, defeito; pequeno prego); daí "tachar": colocar defeito ou nódoa em alguém ou em algo.
- taxa (imposto, tributo); daí "taxar": cobrar impostos

DICAS QUANTO A GRAFIA

1 – DIVISÃO SILÁBICA

Para escansão silábica ou no fim da linha, deve ser feita pelas sílabas pronunciadas, e não por elementos morfológicos. Por princípio geral, separam-se as letras pelas sílabas e nunca partindo o que se pronuncia no mesmo impulso da voz. Como normas particulares, a língua portuguesa registra as seguintes: 1) nunca se partem ditongos nem tritongos: flui-do, herói-co, sa-guões. 2) encontros de duas consoantes que não sejam iniciais ou isoladas: as-sar, con-vic-ção, ter-ra. 3) encontros de mais de duas consoantes são partidos antes da última ou antes de encontro consonantal perfeito: ist-mo, cir-cuns-cre-ver, com-prar. 4) consoantes iniciais e isoladas, encontros consonantais iniciais e perfeitos terminados em i ou r, ch, ih, nh, gu, qu, formam sílaba com a vogal seguinte: ba-se, a-guar-dar, cin-qüen-ta. As exceções são bl, br, dl. Como orientações finais, nunca parta o vocábulo de tal forma que no final ou no início da linha apareça uma palavra obscena ou ridícula e, caso coincida um hífen com a repartição da palavra, não será, necessariamente, preciso repetir aquele que sai no início da linha seguinte.

2 – ESTE, ESSE, AQUELE

Este é algo que está próximo, ao nosso lado. "Este lápis é meu", você diria, segurando seu próprio lápis. Esse está ao largo da pessoa, não perto mas não muito longe. "Esse lápis é seu?", você perguntaria à pessoa da mesa ao lado. Aquele está longe: "Aquele lápis é de alguém aqui?", qualquer um de nós perguntaria, apontando o final da sala. Esta mesma regra serve para "neste", "nesse" e "naquele".

3 – ETC

Este termo, etecétera, quer dizer "e mais outros". Deve ser usado homeopaticamente e jamais em títulos. Evite-o por se tratar de uma abreviação.

4 – QUE

Evite o excesso, para tornar o texto mais leve. Se for necessário o uso de muito "que", utilize ponto e divida o período em dois ou três. O "quê" acentuado existe da mesma forma que o "por quê" com acento: "Ela tem um quê de Sônia Braga". Neste caso, ele se transforma em substantivo.

5 – SE

É preciso ter cuidado aqui. Ele pode ter nove funções diferentes, mas jamais será sujeito. Portanto, é errado dizer: "aluga-se casas; não se podia evitar os aumentos". Nos dois casos, os sujeitos são casas e aumentos. Então, os verbos têm que concordar com eles: alugam-se casas; não se podiam evitar os aumentos. O termo também costuma causar problemas em mais dois tipos de construção; a) - partícula apassivadora (voz passiva): alugam-se casas (casas são alugadas). b) - índice de indeterminação do sujeito (sujeito indeterminado): aqui passeia-se muito. Tome cuidado também com construções onde o se é perfeitamente dispensável e até absurdo: "É possível se dizer que a língua é difícil; Por se falar nisso; A confusão tornou difícil se perceber quem estava por perto." Nestes casos, basta tirar a partícula e os textos ficam corretos.

6 – SEÇÃO/SESSÃO/CESSÃO

Eis nova fonte de erros: seção quer dizer parte, divisão: seção de pessoal; sessão significa tempo de duração de alguma coisa: sessão de cinema; finalmente, cessão quer dizer o ato de ceder: fazer cessão de seus direitos.

7 – SE NÃO/SENÃO

Se não deve ser usado quando a expressão puder ser substituída por caso não ou quando não. Ou então quando introduzir oração como conjunção integrante: Perguntou se não era tarde demais. **Senão** deve ser usado nos demais casos: Corre, senão a polícia te pega.

7 – PALAVRAS COMPOSTAS

As palavras compostas podem ser estruturadas destas maneiras: substantivo + substantivo: navio-fantasma; substantivo + de + substantivo: água-de-colônia; substantivo + adjetivo: amor-perfeito; adjetivo + substantivo: belas-artes; forma verbal + substantivo: porta-estandarte; adjetivo + adjetivo: amarelo-escuro; forma verbal + forma verbal: corre-corre; advérbio + advérbio: menos-mal; advérbio + adjetivo: meio-morto; advérbio + particípio: bem-feito. Há, ainda, outras combinações bem mais complexas: deus-nos-acuda, chove-não-molha.

- **PLURAL DE PALAVRAS COMPOSTAS** : A regra prática é esta: flexione os elementos variáveis (substantivos e adjetivos) e não flexione os que não forem (verbos, advérbios e prefixos). Exemplos: dois termos variáveis - cirurgiões-dentistas, curtas-metragens; o segundo variável - sempre-vivas, mal-educados; o primeiro variável - pés-de-moleque, canetas-tinteiro; nenhum varia - os leva-e-traz, os botá-fora; casos especiais - os louva-a-deus, os diz-que-diz, os bem-te-vis, os bem-me-queres e os malmequeres. Outros casos: adjetivos. Quando há dois adjetivos, só o segundo vai para o plural - político-sociais, castanho-claros. As exceções são três: surdos-mudos, azul-marinho e azul-celeste, os dois últimos invariáveis. Quando a primeira palavra é um adjetivo e a segunda um substantivo, o adjetivo composto não tem forma especial de plural: vestidos verde-musgo, salas cor-de-rosa.

8 – REGÊNCIA

Eis um dos mais extensos e difíceis capítulos da sintaxe. E que provoca muitos erros. Como a maioria das gramáticas aborda só em parte o tema, dúvidas têm que ser tiradas caso a caso, com o uso do dicionário ou livros à disposição. Vamos dar só três regras básicas: a) - não ligue duas ou mais palavras com regimes diferentes a um mesmo complemento. Não escreva: Gostei e recitei o poema; o correto é: Gostei do poema e o recitei. B) - evite construções com infinitivo precedido das contrações do e da. Não escreva: Já é hora do ministro se demitir. O certo é: Já é hora de o ministro se demitir. C) - não omita preposições necessárias, embora alguns puristas façam isso: Ambos concordaram (em) que essas idéias não tinham senso comum (Machado de Assis).

PARA TREINAR ...

A / HÁ

- O Flamengo foi campeão estadual HÁ seis meses. (= FAZ)
- O Fluminense será campeão nacional outra vez daqui A 23 anos.
- O Oiapoque fica A 4370 quilômetros do Chuí.
- * Eu nasci HÁ dez mil anos atrás. (= REDUNDÂNCIA)

CERCA DE / ACERCA DE

- O Brasil ganhou CERCA DE 250 medalhas de ouro em jogos do Pan.
= aproximadamente
- Luciana Gimenes fala ACERCA DE questões importantes para a sociedade.
= sobre

ENCONTRO

- Chepeuzinho Vermelho foi AO ENCONTRO DE sua avó.
= união / concordância
- Depois de beber muito, o rapaz foi DE ENCONTRO AO poste.
= colisão / discordância

- Suas idéias vão AO ENCONTRO DAS / DE ENCONTRO ÀS minhas

EM VEZ / AO INVÉS DE

- Sorri AO INVÉS de chorar.
= oposição
- No café da manhã, Zeca Pagodinho bebeu cerveja EM VEZ DE suco.
= substituição

SENÃO / SE NÃO

- SE NÃO chover, Maria vai com as outras.
= caso não chova
- Estudem, SENÃO estarão aqui de novo no ano que vem.
= do contrário
- Ela não disse um SENÃO.
= substantivo

LEMBRAR / ESQUECER

- O político ESQUECEU o dinheiro na cueca
- O sol SE ESQUECEU de esquentar a cidade.
= verbo pronominal

SE → partícula integrante do verbo

= já que

ONDE

- Fiz uma prova ONDE todos se deram mal.
= na qual / em que ("onde" deve ser usado apenas para fazer referência a lugares)
ONDE você mora? (proposição EM)
AONDE você vai? (preposição A)
ONDE você foi morar? (preposição EM)

TER / VIR / VER

- He-man TEM a força e é invencível.
- Vascaínos não TÊM motivo para comemorar.
- Acho que Dunga não VEM mais ao Maracanã.
- Há males que VÊM para o bem.
- O que os olhos não VÊEM, o coração não sente.

IMPLICAR / ACARRETAR

- O projeto olímpico implica EM um investimento elevado.
= Verbo transitivo direto

MEDIDA

- À MEDIDA QUE o tempo passa, o corpo cai.
= proporção
- NA MEDIDA EM QUE estudei, passarei.

REFORMA ORTOGRÁFICA 2009

O **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009** foi elaborado para uniformizar a grafia das palavras dos países lusófonos, ou seja, os que têm o português como língua oficial. Ele entrará em vigor a partir de janeiro de 2009.

Os brasileiros terão quatro anos para se adequar às novas regras. Durante esse tempo, tanto a grafia hoje vigente como a nova serão aceitas oficialmente. A partir de 1 de janeiro de 2013, a grafia correta da língua portuguesa será a prevista no **Novo Acordo Ortográfico**.

Confira todas as mudanças da Reforma Ortográfica 2009:

// Alfabeto da língua portuguesa

A língua portuguesa passa a reconhecer o "K", "W" e o "Y" como letras do nosso alfabeto, aumentando o número para 26 letras. Esta regra servirá para regularizar o uso dessas letras no nosso idioma.

Exemplo: km e watt.

// Regra das Tremas

As saudosas tremas foram abolidas da língua portuguesa. Você nunca mais precisará usá-las, a não ser para casos específicos, como o uso em nomes próprios.

Exemplo: tranquilo e cinquenta.

// Regra da Acentuação

- Hiatos terminados em "oo" e "ee" não são mais acentuados.

Exemplo: leem e voo.

- Ditongos abertos em paroxítonas não são mais acentuados.

Exemplo: ideia e jiboia.

- Ditongos com "u" e "r" tônicos não são mais acentuados.

ATRAVÉS

- A luz passa ATRAVÉS do espelho. (= atravessar)
- Passarei POR MEIO do estudo.

AFIM / A FIM

- Gumercindo Bessa argumentou A FIM DE convencer seus opositores.
= para, com a finalidade de
- Esse remédio é AFIM DO outro.
= semelhante

OS PORQUÊS

1) PORQUE

- Estudei, PORQUE quero passar no vestibular.
= conjunção (= já que, pois)

2) PORQUÊ

- Não sei o PORQUÊ do seu silêncio.
= "o" é artigo, logo o "porquê" é substantivo

3) POR QUE

- Este é o time POR QUE torço.
- POR QUE você se foi?
- Não sei POR QUE Giba se casou com uma baranga.
- Você se foi POR QUÊ? (por que motivo)
= tônico

Exemplo: *feiura*.

- O acento continua em ditongos abertos em monossílabas, oxítonas e terminados em “eu”.

Exemplo: *chapéu*.

- O acento em palavras homógrafas foram eliminados, com exceção no verbo “poder” (no passado) e “pôr”.

Exemplo: *pele, para, pôde*.

- Não acentua-se mais o “u” em formas verbais rozotônicas precedido de “g” ou “q” antes de “e” ou “i”.

Exemplo: *apaziguar e averiguar*.

// Regra das Grafias Duplas

Para palavras onde a fonética é ambígua, como é o caso de *Roraima*, pode-se usar acentos da melhor forma que lhe convém.

Exemplo: *Roráima e/ou Roráima*.

// Regra das Consoantes Mudadas

Todas consoantes que não são pronunciadas, tais como exacto e óptimo, não serão mais usadas. O Brasil já adora esta regra há várias décadas.

Exemplo: *ótimo e objectivo*.

// Regra do Hífen

- Não utiliza-se mais hífens em palavras compostas cujos prefixos terminam em vogal seguida de palavras iniciadas com “r” ou “s”. A mesma regra serve para prefixos que terminam em vogal e palavras que começam com vogal.

Exemplo: *contrassenha e autorretrato*.

- Mantem-se o hífen para prefixos terminados em “r” onde a outra palavra também começa com “r”.

Exemplo: *super-racional*.

- Utiliza-se hífen quando a palavra começa com a mesma vogal que o prefixo termina, com exceção do prefixo “co”.

Exemplo: *anti-inflamatório*.

- O hífen mantém-se em palavras que não possuem ligação em comum. A mesma regra aplica-se para prefixos “vice”, “ex”, “pré”, “pró” e “pós”.

Exemplo: *beija-flor*.

- Não utiliza-se mais hífens em palavras compostas por substantivos, adjetivos, verbais, pronomes, etc.

Exemplo: *sala de jantar*.

CAPÍTULO 10

A PRÁTICA

Neste capítulo, vamos treinar um pouco, mostrando variados tipos de questões de interpretação e compreensão de texto.

Texto I

Salustiano era um bom garfo. Mas o jantar que lhe haviam oferecido nada teve de abundante.

- Quando voltará a jantar conosco? - perguntou-lhe a dona da casa.

- Agora mesmo, se quiser.

(Barão de Itararé, in *Máximas e Mínimas do Barão de Itararé*)

1) A figura de linguagem presente no primeiro período do texto é:

- a) hipérbole
- b) eufemismo
- c) prosopopéia
- d) metonímia
- e) antítese

2) Deduz-se do texto que Salustiano:

- a) come pouco.
- b) é uma pessoa educada.
- c) não ficou satisfeito com o jantar.
- d) é um grande amigo da dona da casa.

e) decidiu que não mais comeria naquela casa.

3) O adjetivo que não substitui sem alteração de sentido a palavra “abundante” é:

- a) copiosa
- b) frugal
- c) opípara
- d) lauta
- e) abundosa

Respostas

1) O gabarito é a letra **d**. Temos aqui um tipo de metonímia. Há uma troca: ser um bom garfo / comer bem. Há muitas questões hoje em dia envolvendo as figuras de linguagem. Estude bem o segundo capítulo, onde elas aparecem. Note que este tipo de metonímia não é fácil, porém, conhecendo bem as outras figuras, dá para fazer por eliminação.

2) A resposta é a letra **c**. A letra **a** é eliminada, pois ser um bom garfo é comer muito. A letra **b** é errada, pois, se ele fosse realmente educado, não teria dado aquela resposta no final do texto, evidenciando a sua insatisfação. Nada no texto sugere que ele seja um grande amigo da dona da casa, o que descarta a alternativa d. A opção **e** pode ser desconsiderada, uma vez que, embora insatisfeito, ele não diz que jamais comerá naquela casa; aliás, chega mesmo a aceitar o novo convite. O gabarito só pode ser a letra **c**, pois ele era um bom garfo e a comida era pouca, o que o levou a querer repeti-la, aceitando o convite.

3) Questão de sinonímia. A palavra **frugal** é o oposto de **abundante**. As outras quatro são sinônimas de **abundante**. Daí o gabarito ser a letra **b**.

Texto II

A mulher foi passear na capital. Dias depois o marido dela recebeu um telegrama:

“Envie quinhentos cruzeiros. Preciso comprar uma capa de chuva. Aqui está chovendo sem parar”.

E ele respondeu:

“Regresse. Aqui chove mais barato”.

(Ziraldo, in As Anedotas do Pasquim)

1) A resposta do homem se deu por razões:

- a) econômicas
- b) sentimentais
- c) lúdicas
- d) de segurança
- e) de machismo

2) Com relação à tipologia textual, pode-se afirmar que:

- a) se trata de uma dissertação.
- b) se trata de uma descrição com alguns traços narrativos.
- c) o autor preferiu o discurso direto.
- d) o segundo período é exemplo de discurso indireto livre.
- e) não se detecta a presença de personagens.

3) Com relação aos elementos conectores do texto, não se pode dizer que:

- a) **dela** tem como referente **mulher**.
- b) o referente do pronome **ele** é **marido**.
- c) a preposição **de** tem valor semântico de finalidade.
- d) A oração “Aqui está chovendo sem parar” poderia ligar-se à anterior, sem alteração de sentido, pela conjunção **conquanto**.
- e) O advérbio **aqui**, em seus dois empregos, não possui os mesmos referentes.

Respostas

1) Letra **a**. Ao pedir à mulher que regresse logo, ele pensava que não precisaria comprar uma capa de chuva porque eles já possuem uma, ou que gastaria menos, já que em sua cidade a capa é mais barata. O risco da questão é a presença do adjetivo **lúdicas**, menos conhecido. É necessário melhorar o vocabulário. **Lúdicas** quer dizer “relativas a jogos, brinquedos, divertimentos”.

2) A resposta só pode ser a letra **c**. As duas primeiras estão eliminadas, pois o texto é narrativo. Tanto a fala da mulher quanto a do marido são integrais, ou seja, exemplificam o que se conhece como discurso direto. O autor não usou o travessão, mais comum, preferindo as aspas. A letra **d** não tem cabimento, para quem conhece o discurso indireto livre. Não poderia ser a opção **e**, uma vez que o homem e a mulher são as personagens do texto.

3) Gabarito: letra **d**. As duas primeiras alternativas são evidentes, dispensam comentários. A letra **c** está perfeita, pois se trata de uma capa para chuva, ou seja, com a finalidade de proteger a pessoa da chuva. A última alternativa também está correta, pois o primeiro “aqui” refere-se à “capital”, onde ela está

passeando, e o segundo à cidade do interior, onde se encontra o marido. A resposta só pode ser a letra **d** porque o relacionamento entre as duas orações é de causa e efeito, pedindo conjunções como **pois, porque, porquanto** etc. **Conquanto** significa **embora**, tem valor concessivo, de oposição. Além disso, seu emprego acarretaria erro de flexão verbal, pois o verbo deveria estar no subjuntivo (esteja), o que não ocorre no texto original.

Texto III

“Uma nação já não é bárbara quando tem historiadores.”

(Marquês de Maricá, in Máximas)

1) O texto é:

- a) uma apologia à barbárie
- b) um tributo ao desenvolvimento das nações
- c) uma valorização dos historiadores
- d) uma reprovação da selvageria
- e) um canto de louvor à liberdade

2) Só não constitui paráfrase do texto:

- a) Um país já não é bárbaro, desde que nele existem historiadores.
- b) Quando tem historiadores, uma nação já é civilizada.
- c) Uma nação deixa de ser bárbara quando há nela historiadores.
- d) Quando possui historiadores, uma nação não mais pode ser considerada bárbara.
- e) Desde que tenha historiadores, uma nação já não é mais bárbara.

Respostas

1) O gabarito é a letra c. A opção a é absurda por si mesma. A letra b não cabe, pois o texto não fala de homenagem à nação. Não pode ser a letra d, porque nada no texto reprova a barbárie (o leitor precisa atentar ao texto). A última opção é totalmente sem propósito. Na realidade, o autor valoriza os historiadores, uma vez que é a sua presença que garante estar a nação livre da barbárie.

2) Letra e. O que responde à questão é o valor dos conectivos. A palavra **quando** introduz uma oração temporal. O mesmo ocorre com o **desde que** da letra a. (observe que o verbo se encontra no modo indicativo: existem.) Na letra e, a conjunção **desde que** (o verbo da oração está no subjuntivo: tenha) inicia oração com valor de condição, havendo, pois, alteração de sentido.

Texto IV

“A maior alegria do brasileiro é hospedar alguém, mesmo um desconhecido que lhe peça pouso, numa noite de chuva.”

(Cassiano Ricardo, in O Homem Cordial)

1) Segundo as idéias contidas no texto, o brasileiro:

- a) põe a hospitalidade acima da prudência.
- b) hospeda qualquer um, mas somente em noites chuvosas.
- c) dá preferência a hospedar pessoas desconhecidas.
- d) não tem outra alegria senão a de hospedar pessoas, conhecidas ou não.
- e) não é prudente, por aceitar hóspedes no período da noite.

2) A palavra mesmo pode ser trocada no texto, sem alteração de sentido, por:

- a) certamente
- b) até
- c) talvez
- d) como
- e) não

3) A expressão “A maior alegria do brasileiro” pode ser entendida como:

- a) uma personificação
- b) uma ironia
- c) uma metáfora
- d) uma hipérbole
- e) uma catacrese

4) O trecho que poderia dar seqüência lógica e coesa ao texto é:

- a) Não obstante isso, ele é uma pessoa gentil.
- b) Dessa forma, qualquer um que o procurar será atendido.
- c) A solidariedade, pois, ainda precisa ser conquistada.
- d) E o brasileiro ganhou fama de intolerante.
- e) Por conseguinte, se chover, ele dará hospedagem aos desconhecidos.

Respostas

- 1) Letra **a**. Na ânsia de ser hospitaleiro, o brasileiro hospeda, imprudentemente, em sua casa, pessoas desconhecidas. A letra **b** condiciona a hospedagem às noites chuvosas. A opção **c** não tem nenhum apoio no texto, que não fala em preferências. A letra **d** não cabe como resposta, pois o texto nos fala de “maior alegria”, ou seja, há outras, menores. A letra **e** poderia realmente confundir. Na verdade a falta de prudência não existe por aceitar hóspedes durante a noite, mas aceitá-los sendo eles desconhecidos.
- 2) A resposta é a letra **b**. Mesmo é palavra denotativa de inclusão, da mesma forma que **até**.
- 3) O gabarito é a letra **d**. Trata-se de um evidente exagero do autor. A figura do exagero chama-se hipérbole.
- 4) Letra **b**. Na opção **a**, **não obstante isso** tem valor concessivo. Deveria ser **por isso** ou semelhantes. Na letra **c**, a conjunção **pois** é conclusiva, não pode estar seguida de **ainda precisa**, pois o texto diz que o brasileiro já conquistou a solidariedade. A alternativa **d** contraria inteiramente o texto. A letra **e** não dá seqüência ao texto, pois este não condiciona a hospedagem à chuva.

CONTINUAÇÃO DA INTERPRETAÇÃO I TEXTO I

Não existe essa coisa de um ano sem Senna, dois anos sem Senna...Não há calendário para a saudade.

(Adriane Galisteu, no Jornal do Brasil)

1) Segundo o texto, a saudade:

- a) aumenta a cada ano.
- b) é maior no primeiro ano.
- c) é maior na data do falecimento.
- d) é constante.
- e) incomoda muito.

2) A segunda oração do texto tem um claro valor:

- a) concessivo
- b) temporal
- c) causal
- d) condicional
- e) proporcional

3) A repetição da palavra não exprime:

- a) dúvida
- b) convicção
- c) tristeza
- d) confiança
- e) esperança

4) A figura que consiste na repetição de uma palavra no início de cada membro da frase, como no caso da palavra não, chama-se:

- a) anáfora
- b) silepse
- c) sinestesia
- d) pleonasma
- e) metonímia

TEXTO II

Passei a vida atrás de eleitores e agora busco os leitores.

(José Sarney, na Veja, dez/97)

5) Deduz-se pelo texto uma mudança na vida:

- a) esportiva
- b) intelectual
- c) profissional
- d) sentimental
- e) religiosa

6) O autor do texto sugere estar passando de:

- a) escritor a político
- b) político a jornalista
- c) político a romancista
- d) senador a escritor
- e) político a escritor

7) Infere-se do texto que a atividade inicial do autor foi:

- a) agradável
- b) duradoura
- c) simples
- d) honesta
- e) coerente

8) O trecho que justifica a resposta ao item anterior é:

- a) e agora
- b) os leitores
- c) passei a vida
- d) atrás de eleitores
- e) busco

9) A palavra ou expressão que não pode substituir o termo agora é:

- a) no momento
- b) ora
- c) presentemente
- d) neste instante
- e) recentemente

TEXTO III

Os animais que eu treino não são obrigados a fazer o que vai contra a natureza deles.

(Gilberto Miranda, na Folha de São Paulo, 23/2/96)

10) O sentimento que melhor define a posição do autor perante os animais é:

- a) fé
- b) respeito
- c) solidariedade
- d) amor
- e) tolerância

11) O autor do texto é:

- a) um treinador atento
- b) um adestrador frio
- c) um treinador qualificado
- d) um adestrador consciente

e) um adestrador filantropo

12) Segundo o texto, os animais:

- a) são obrigados a todo tipo de treinamento.
- b) fazem o que não lhes permite a natureza.
- c) não fazem o que lhes permite a natureza.
- d) não são objeto de qualquer preocupação para o autor.
- e) são treinados dentro de determinados limites.

TEXTO IV

Estou com saudade de ficar bom.
Escrever é consequência natural.

(Jorge Amado, na Folha de São Paulo, 22/10/96)

13) Segundo o texto:

- a) o autor esteve doente e voltou a escrever.
- b) o autor está doente e continua escrevendo.
- c) O autor não escreve porque está doente.
- d) o autor está doente porque não escreve.
- e) o autor ficou bom, mas não voltou a escrever.

14) O autor na verdade tem saudade:

- a) de trabalhar
- b) da saúde
- c) de conversar
- d) de escrever
- e) da doença

15) “Escrever é consequência natural.”

Consequência de:

- a) voltar a trabalhar.
- b) recuperar a saúde.
- c) ter ficado muito tempo doente.
- d) estar enfermo.
- e) ter saúde.

TEXTO V

A mente de Deus é como a Internet: ela pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.

(Américo Barbosa, na Folha de São Paulo)

16) No texto, o autor compara:

- a) Deus e internet
- b) Deus e mundo todo
- c) internet e qualquer um

d) mente e internet

e) mente e qualquer um

17) O que justifica a comparação do texto é:

- a) a modernidade da informática
- b) a bondade de Deus
- c) a acessibilidade da mente de Deus e da internet
- d) a globalização das comunicações
- e) O desejo que todos têm de se comunicar com o mundo.

18) O conectivo comparativo presente no texto só não pode ser substituído por:

- a) tal qual
- b) que nem
- c) qual
- d) para
- e) feito

19) Só não constitui paráfrase do texto:

- a) A mente de Deus, bem como a internet, pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.
- b) No mundo todo, qualquer um pode acessar a mente de Deus e a internet.
- c) A mente de Deus pode ser acessada, no mundo todo, por qualquer um, da mesma forma que a internet.
- d) Tanto a internet quanto a mente de Deus podem ser acessadas, no mundo todo, por qualquer um.
- e) A mente de Deus pode acessar, como qualquer um, no mundo todo, a internet.

TEXTO VI

Marx disse que Deus é o ópio do povo. Já sabemos que não entendia nem de Deus nem de ópio. Deus é uma experiência de fé. Impossível defini-lo.

(Paulo Coelho, em O Globo, 25/2/96)

20) Segundo o período inicial do texto, para Marx Deus:

- a) traz imensa alegria ao povo.
- b) esclarece o povo.
- c) deixa o povo frustrado.
- d) conduz com segurança o povo.
- e) tira do povo a condição de raciocinar.

BIBLIOGRAFIA

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS, Rio de Janeiro. *Dicionário houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Objetiva, 2001.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.